



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – INGLÊS**

BRUNA VIVIANE CARDOSO DE OLIVEIRA E SILVA

**REPRESENTATIVIDADE NEGRA: UMA ANÁLISE ACERCA DA IMPORTÂNCIA DA
LITERATURA FEMININA AFRO-AMERICANA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO
XX**

**TERESINA
2023**

BRUNA VIVIANE CARDOSO DE OLIVEIRA E SILVA

**REPRESENTATIVIDADE NEGRA: UMA ANÁLISE ACERCA DA IMPORTÂNCIA DA
LITERATURA FEMININA AFRO-AMERICANA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO
XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Letras – Inglês da
Universidade Estadual do Piauí como requisito parcial
à conclusão do curso, sob a orientação da Profa. Me.
Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva.

**TERESINA
2023**

BRUNA VIVIANE CARDOSO DE OLIVEIRA E SILVA

**REPRESENTATIVIDADE NEGRA: UMA ANÁLISE ACERCA DA IMPORTÂNCIA DA
LITERATURA FEMININA AFRO-AMERICANA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO
XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Letras – Inglês da
Universidade Estadual do Piauí como requisito parcial
à conclusão do curso, sob a orientação da Profa. Me.
Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Me. Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva

Profa. Dra. Maria Eldelita Franco Holanda

Profa. Me. Vilma Rodrigues Mascarenhas

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que tornaram possível a conclusão do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Primeiramente, sou imensamente grata à Universidade Estadual do Piauí por fornecer uma excelente educação e pela oportunidade de aprendizado que vai além da vida acadêmica.

Expresso minha sincera gratidão à minha orientadora, Prof^a. Me. Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva, por seu apoio e pelos ensinamentos durante todo o processo de elaboração do meu TCC - suas valiosas contribuições e orientações foram fundamentais para o sucesso do meu trabalho.

À Profa. Dra. Márlia Riedel, minha sincera gratidão por toda sua dedicação e ensinamentos durante todo o tempo em que tive a honra de ser sua aluna.

Quero agradecer também ao meu pai, por seu amor, apoio e incentivo constantes ao longo da minha vida. Sua confiança em mim e seu apoio foram essenciais para me permitir ter sucesso.

Por fim, gostaria de agradecer à Ana Carolina por sua paciência, compreensão e apoio inabalável durante todo o processo. Sua presença foi fundamental para me manter motivada e confiante em momentos de dificuldade.

Agradeço sinceramente a todos que me ajudaram nesta jornada, e estou profundamente grata por ter tido o privilégio de estudar nesta instituição, e por ter essas pessoas maravilhosas em minha vida.

“Escrever é uma forma de pensar – e não apenas sobre sentimentos, mas também sobre coisas que são díspares, não resolvidas, misteriosas, problemáticas, ou apenas doces”.

Toni Morrison

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar a importância da representatividade negra feminina na literatura estadunidense na segunda metade do século XX, por meio da análise das obras *Maud Martha* (1953) de Gwendolyn Brooks; *I Know Why The Caged Bird Sings* (1969) de Maya Angelou; *Sula* (1973) de Toni Morrison; *The Color Purple* (1982) de Alice Walker; *Push* (1996) de Sapphire. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, e exploratória quanto aos objetivos, a fim de compreender a problemática estudada. Tivemos como base teórica as autoras Chimamanda Ngozi Adichie (2009), Joice Berth (2019), Bell Hooks (1992), Audre Lorde (1984) e Angela Davis (1981). Verificou-se que a representatividade das mulheres negras na Literatura Estadunidense é de extrema importância, e tem uma relação significativa com o empoderamento negro. Confirmou-se que a representatividade feminina negra na Literatura Estadunidense evoluiu ao longo dos anos, refletindo tanto sobre os desafios quanto as vitórias da vivência das mulheres negras nos Estados Unidos. Assim como que a literatura de mulheres negras na segunda metade do século XX muitas vezes ultrapassou os limites das estruturas e gêneros narrativos tradicionais, fornecendo novas formas de contar histórias e desafiando as normas literárias dominantes. Conclui-se que este estudo contribui para o incentivo de novas pesquisas e discussões acerca da representatividade negra feminina na literatura.

Palavras-chave: Literatura Negra Feminina. Protagonistas Afro-americanas. Representatividade.

ABSTRACT

This work aimed to analyze the importance of black female representation in American literature in the second half of the 20th century, through the analysis of the works *Maud Martha* (1953) by Gwendolyn Brooks; *I Know Why The Caged Bird Sings* (1969) by Maya Angelou; *Sula* (1973) by Toni Morrison; *The Color Purple* (1982) by Alice Walker; *Push* (1996) by Sapphire. A bibliographical research was carried out with a qualitative approach, and exploratory, in order to understand the problem studied. We had as a theoretical basis the authors Chimamanda Ngozi Adichie (2009), Joice Berth (2019), Bell Hooks (1992), Audre Lorde (1984) e Angela Davis (1981). It was found that the representation of black women in American Literature is extremely important and has a significant relation with black empowerment. It was confirmed that black female representation in American Literature has evolved over the years, reflecting both on the challenges and the victories of the experience of black women in the United States. Similarly, black women's literature in the second half of the 20th century often pushed the boundaries of traditional narrative structures and genres, providing new ways of telling stories and challenging dominant literary norms. It is concluded that this study contributes to the encouragement of new research and discussions about black female representation in the literature.

Keywords: Black Female Literature. African American Protagonists. Representation.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	28
QUADRO 02	29
QUADRO 03	30
QUADRO 04	31
QUADRO 05	31
QUADRO 06	36
QUADRO 07	37
QUADRO 08	38
QUADRO 09	39
QUADRO 10	40
QUADRO 11	45
QUADRO 12	46
QUADRO 13	47
QUADRO 14	48
QUADRO 15	50
QUADRO 16	53
QUADRO 17	55
QUADRO 18	56
QUADRO 19	58
QUADRO 20	59
QUADRO 21	62
QUADRO 22	63
QUADRO 23	64
QUADRO 24	64
QUADRO 25	65

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A REPRESENTATIVIDADE NEGRA FEMININA NA LITERATURA ESTADUNIDENSE	14
3 METODOLOGIA	24
3.1 Tipo de Pesquisa	24
3.2 População	24
3.3 Amostra	24
3.4 Técnica de Coleta de Dados	25
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	26
4.1 Livro <i>Maud Marta</i>	26
4.1.1 Resumo e contexto da obra	26
4.1.2 Análise dos Extratos da Obra	28
4.2 Livro <i>I Know Why The Caged Bird Sings</i>	32
4.2.1 Resumo e contexto da obra	32
4.2.2 Análise dos Extratos da Obra	36
4.3 Livro <i>Sula</i>	40
4.3.1 Resumo e contexto da obra	40
4.3.2 Análise dos Extratos da Obra	44
4.4 Livro <i>The Color Purple</i>	50
4.4.1 Resumo e contexto da obra	50
4.4.2 Análise dos Extratos da Obra	53
4.5 Livro <i>Push</i>	60
4.5.1 Resumo e contexto da obra	60
4.5.2 Análise dos Extratos da Obra	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

Literatura Estadunidense se refere à toda literatura escrita em inglês nos Estados Unidos (EUA), sendo imensamente influenciada pela literatura da Inglaterra em seus “primórdios” no século XVIII. Antes da chegada dos colonizadores aos Estados Unidos, as comunidades nativas não possuíam registros escritos. No entanto, eles encontraram maneiras criativas de expressar suas ideias e talentos por meio de cantos, poemas, narrativas orais e outras formas artísticas. Quando os eventos de colonização e política eventualmente tornaram o inglês a língua oficial para literatura escrita no citado país norte-americano, as obras da Literatura Estadunidense passaram a tratar predominantemente de religião, conflitos entre os colonos europeus e nativo americanos e questões culturais da vida colonial.

Por sua vez, a Literatura Afro-americana é aquela escrita por autores negros estadunidenses de descendência africana. O início desta literatura remete ao século XVIII, durante a época da escravização nos EUA. A narrativa de escravizados ficou conhecida como um dos primeiros estilos de escrita e caracteriza-se como um grupo de relatos autobiográficos que detalhavam a vida dos indivíduos negros em servidão forçada, incluindo suas capturas na África, suas jornadas para as Américas e suas vidas nas fazendas em solo americano. Considera-se como a primeira narrativa de escravos nos EUA a autobiografia intitulada *The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano*¹ publicada em 1789.

Acredita-se que a representatividade negra é fundamental para promover a inclusão e a igualdade na sociedade. Historicamente, as vozes e experiências de pessoas afro-descendentes foram marginalizadas, ignoradas ou distorcidas. Sua representação na literatura, especialmente na literatura afro-americana feminina da segunda metade do século XX, desempenha um papel essencial na quebra desses padrões e na promoção de uma narrativa mais autêntica e diversa. A análise destes textos permite entender como escritoras negras abordaram questões específicas relacionadas à raça, gênero, identidade e experiências vividas. Suas obras oferecem uma

¹No Brasil: *A interessante narrativa da vida de Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa, o Africano*.

perspectiva única sobre as lutas, triunfos e desafios enfrentados pelas mulheres afro-americanas nesse período histórico.

Gwendolyn Brooks (1917-2000), Maya Angelou (1928-2014), Toni Morrison (1931-2019), Alice Walker (1944) e Sapphire (1950) são autoras que marcaram a segunda metade do século XX, engrandecendo as publicações da Literatura Afro-americana com narrativas de grande significado para a representatividade, valorização e autenticidade da identidade da mulher negra. Suas obras inovam o roteiro da Literatura Estadunidense, sendo suas protagonistas mulheres que enfrentavam escolhas desafiadoras, dilemas e conflitos com personagens masculinos, bem como personagens brancos e outros negros. Defende-se, então, a relevância da diversidade na Literatura Estadunidense feminina do século XX para entender a colaboração e importância dessas autoras negras na construção de uma educação antirracista e do empoderamento negro.

Ao estudar e valorizar a literatura afro-americana feminina, reconhecemos a contribuição dessas autoras para a literatura em geral, bem como para o movimento dos direitos civis e para o fortalecimento da identidade e autoestima das pessoas negras. Além disso, essa leitura possibilita a construção de pontes entre diferentes culturas e promove a empatia e o entendimento mútuo. Através da representatividade negra na literatura e da análise da importância da literatura afro-americana feminina da segunda metade do século XX, ampliamos o conhecimento sobre a diversidade humana, desafiamos estereótipos prejudiciais e contribuímos para uma sociedade mais inclusiva, justa e igualitária.

Por pensar e acreditar que ainda há muito o que discutir e refletir sobre essa questão, surgiu o interesse em pesquisar sobre o tema: Representatividade negra na Literatura Afro-americana feminina da segunda metade do século XX. Diante disso, despertou-se a curiosidade de investigar sobre o seguinte problema de pesquisa: Como se caracteriza a representatividade negra na Literatura feminina Estadunidense da segunda metade do século XX?

Como possíveis respostas ao problema de pesquisa, foram estabelecidas as seguintes hipóteses: 1) a representatividade das mulheres negras na Literatura Estadunidense é de extrema importância e tem uma relação significativa com o empoderamento negro; 2) a representatividade feminina negra na Literatura

Estadunidense evoluiu ao longo dos anos, refletindo tanto sobre os desafios quanto as vitórias da vivência das mulheres negras nos Estados Unidos; 3) a literatura de mulheres negras na segunda metade do século XX muitas vezes ultrapassou os limites das estruturas e gêneros narrativos tradicionais, fornecendo novas formas de contar histórias e desafiando as normas literárias dominantes.

Esta investigação teve como objetivo geral analisar a representatividade negra na literatura feminina estadunidense na segunda metade do século XX. No intuito de efetivar o objetivo geral apresentado, estabeleceu-se os seguintes objetivos específicos: 1) explicar em que consiste representatividade e qual a sua importância; 2) contextualizar a representatividade feminina na Literatura afro-americana; 3) discutir a importância da representatividade negra nas obras: *Maud Martha* (1953) de Gwendolyn Brooks; *I Know Why The Caged Bird Sings* (1969) de Maya Angelou; *Sula* (1973) de Toni Morrison; *The Color Purple* (1982) de Alice Walker; *Push* (1996) de Sapphire².

Ao longo dos anos, as vozes dos autores negros foram historicamente excluídas e marginalizadas. No entanto, à medida que a sociedade passa a apoiar e enaltecer autores e editores pretos, concede-se mais autenticidade às histórias que refletem as experiências e identidade de pessoas afrodescendentes. As mulheres pretas, por sua vez, são ainda mais oprimidas e enfrentam dificuldades maiores para ter reconhecimento e aprovação de seus trabalhos. Sendo assim, uma discussão sobre a representatividade negra na Literatura feminina dos EUA é de extrema relevância nos dias atuais.

Por essa razão, ao considerar a deficiência de diversidade na Literatura Estadunidense, que ainda é escrita principalmente por autores brancos, apresentando personagens e perspectivas brancas e contribuindo para uma compreensão e representação limitada de várias culturas e histórias, constatou-se a possibilidade de desenvolver um projeto de pesquisa com ênfase na importância da representatividade negra feminina em obras da segunda metade do século XX.

Procura-se contribuir com a sociedade na tentativa de elucidar questões sobre racismo e visibilidade negra nos Estados Unidos, tocando em pontos sensíveis que continuam sendo indispensáveis na atualidade. No âmbito acadêmico, imagina-se que a pesquisa em questão contribuirá de maneira significativa, agregando e enriquecendo as

² Optou-se por utilizar os títulos originais em inglês.

pesquisas bibliográficas sobre a expressão negra na literatura Estadunidense no intuito de educar e inspirar estudantes sobre a sua relevância.

Nesse contexto, é evidente a importância dessa discussão sobre a representatividade negra feminina na literatura dos Estados Unidos durante a marcante segunda metade do século XX. Esse período foi caracterizado por uma série de eventos e transformações significativas, a partir dos quais ocorreram avanços importantes no movimento dos direitos civis, incluindo a luta pela igualdade racial e o fim da segregação racial institucionalizada.

Durante essa época, as pessoas negras enfrentaram desafios persistentes, como discriminação racial, violência, desigualdades socioeconômicas e limitações nas oportunidades educacionais e profissionais. No entanto, as mulheres negras enfrentaram desafios adicionais devido à intersecção de raça e gênero. Além da discriminação racial e de gênero, elas tiveram que lidar com a luta pelos direitos civis, o desafio de encontrar seu lugar no movimento feminista predominante, disparidades na saúde e bem-estar, desigualdade econômica, falta de representação política e falta de liderança. Enfrentando o racismo estrutural e o sexismo, essas mulheres muitas vezes experimentaram discriminação e marginalização em diferentes aspectos de suas vidas.

Durante um longo período, as experiências das mulheres negras foram negligenciadas ou ignoradas na literatura convencional. No entanto, as mulheres negras também desempenharam papéis significativos nas lutas pelos direitos civis e na promoção da igualdade racial e de gênero. Elas foram líderes, ativistas, escritoras e artistas que desafiaram as normas sociais e contribuíram para o avanço da sociedade. Estudar suas obras garante que suas perspectivas e histórias sejam finalmente representadas e ouvidas. Além disso, a literatura produzida por mulheres negras geralmente aborda as intersecções de raça, gênero e classe, proporcionando uma compreensão singular e aprofundada da complexidade dessas questões.

Muitas autoras negras escreveram durante o Movimento dos Direitos Civis e o movimento feminista, e suas obras frequentemente refletem e contribuem para esses movimentos de resistência e mudança social. No geral, estudar tais obras é indispensável para fornecer uma paisagem literária mais inclusiva e diversificada, reconhecendo a

complexidade das experiências marginalizadas e promovendo uma compreensão mais sutil das questões sociais e culturais.

Este TCC foi dividido em três seções, além das considerações iniciais e finais. Na Fundamentação teórica, realizou-se uma pesquisa abrangente sobre o contexto histórico e social da década do século XX em que cada obra foi escrita, a fim de elucidar o possível impacto na representação dos personagens e temas negros, pelas autoras. Na Metodologia, apresentou-se os procedimentos de desenvolvimento da pesquisa. Por fim, a análise das obras foi feita através da leitura e coleta de fragmentos relevantes, considerando os personagens negros da obra e suas representações, motivações, conflitos e relacionamento com outros personagens e como sua raça afeta suas experiências no romance.

2 A REPRESENTATIVIDADE NEGRA FEMININA NA LITERATURA ESTADUNIDENSE

Representatividade refere-se à presença e participação de indivíduos ou grupos que refletem a diversidade de uma sociedade ou comunidade em termos de características como raça, etnia, gênero, orientação sexual, idade, deficiências, origens socioeconômicas, entre outras dimensões identitárias. Esse reconhecimento vai além da mera inclusão numérica ou superficial, buscando uma representação autêntica, significativa e inclusiva. Isso envolve não apenas a presença de pessoas pertencentes a grupos sub-representados, mas também a garantia de que suas vozes sejam ouvidas, suas necessidades sejam consideradas e suas contribuições sejam valorizadas. A representatividade busca desafiar estereótipos, promover a igualdade de oportunidades e promover a inclusão social.

É importante ressaltar que a representatividade não se limita apenas à esfera política ou institucional, mas abrange diversos aspectos da vida, como mídia, cultura, entretenimento, ambiente de trabalho e espaços públicos. Além disso, o empoderamento é um conceito intrinsecamente ligado à representatividade. O empoderamento consiste no processo de fortalecimento individual e coletivo, no qual os indivíduos assumem o controle de suas vidas, ampliam sua autonomia e adquirem confiança em suas habilidades e capacidades. Segundo Berth (2019):

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletiva, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. (BERTH, 2019, p. 19- 20).

Em resumo, o empoderamento é um processo de conscientização, resistência e ação que visa desafiar e transformar as estruturas de poder desiguais e injustas que perpetuam a opressão e a desigualdade. Mais especificamente, o empoderamento da mulher negra é de extrema importância devido à histórica e persistente marginalização que ela enfrenta na sociedade. A visibilidade do indivíduo feminino afrodescendente desafia estereótipos negativos e preconceitos enraizados na estrutura social. Ao mostrar

uma diversidade de histórias, talentos e conquistas, ela desconstrói ideias simplistas e discriminatórias associadas às mulheres pretas.

A representatividade da mulher negra oferece modelos de referência positivos e inspiradores para meninas e mulheres pretas. Ao testemunharem outras mulheres que se assemelham a elas alcançando sucesso em diversas áreas, são encorajadas a acreditar em seu próprio potencial, a perseguir seus sonhos e a superar as barreiras impostas pelo racismo e pelo sexismo. A mulher negra enfrenta a interseção de opressões baseadas em gênero e raça, e a representatividade desempenha um papel fundamental em assegurar que as questões específicas que enfrentam sejam reconhecidas e abordadas de forma adequada.

A representação de personagens femininas negras na Literatura Estadunidense é crucial porque ajuda a neutralizar os estereótipos e preconceitos de longa data que foram perpetuados contra esse grupo. Ao retratar esses personagens na Literatura, os autores podem desafiar os estereótipos negativos e fornecer modelos positivos para mulheres negras. A representação na Literatura também é importante porque ajuda a criar um sentimento de pertencimento e validação para indivíduos que podem se sentir marginalizados ou sub-representados na sociedade. A presença de representações de mulheres negras na literatura pode desempenhar um papel significativo no fortalecimento da autoestima dessas mulheres, proporcionando um senso de comunidade e orgulho:

[...] à medida que nos vemos de maneira positiva nos espaços mais diversos é que podemos reconhecer e assimilar a possibilidade de nossa própria imagem como positiva também. Muitas são as formas de se trabalhar esses movimentos que são inerentes e se intercalam em intensidade, e o principal deles é o imagético. Precisamos nos ver de forma positiva, literalmente, pois essas imagens vão ressignificar o imaginário que será abalado e simultaneamente reconstruído. (BERTH, 2019, p. 76).

Além disso, essa visibilidade pode ajudar a aumentar a conscientização sobre questões que afetam as mulheres negras, como discriminação, sexismo e racismo. Ao destacar essas questões na Literatura, os autores podem ajudar a educar os leitores e desencadear conversas importantes sobre justiça social e igualdade. No geral, a representação de personagens femininas negras é importante porque ajuda a quebrar barreiras e promover compreensão e aceitação. O termo representatividade é muito

abrangente e, portanto, pode ser entendido como empoderamento. Nesse sentido, representa o processo de permitir que o indivíduo se torne visível e existente no contexto da construção dos papéis sociais. Isso envolve o desenvolvimento das normas, direitos e deveres de um indivíduo dentro da sociedade em que ele vive.

Existem muitos questionamentos que começaram a ser feitos ao longo dos anos sobre como certos grupos sociais têm suas imagens representadas nos diferentes tipos de mídias existentes, desde os livros, a televisão e a internet. Esses grupos abrangem pessoas que são consideradas como “fora do padrão” e são, por muitas vezes, desconsiderados e esquecidos pela sociedade, seja por sua sexualidade, identidade de gênero, tipo físico, cor da pele ou necessidades especiais. Diante disso, dialogar sobre representatividade é de suma importância, pois a mesma contribui para a formação da personalidade dos indivíduos.

Dessa forma, crianças, jovens e até mesmo adultos podem através dela, se sentirem representados em diversos âmbitos, sendo inspirados para a construção de sua autoestima e identidade. Segundo Adichie, a história contada por uma única perspectiva cria estereótipos e estes são carregados de informações incompletas. Em uma palestra apresentada na plataforma *TedTalk* em 2009, Adichie discutiu sobre sua experiência ao ler livros estrangeiros ainda criança e o fato de que não se sentia representada nas histórias:

Eu amava aqueles livros americanos e britânicos que eu lia. Eles me abriam novos mundos. Mas a consequência inesperada foi que eu não sabia que pessoas como eu podiam existir na literatura. Então o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi me salvar de ter uma única história sobre o que os livros são. (ADICHIE, 2009, 2min 38s, **tradução nossa**).³

Adichie, autora negra nascida na Nigéria, aborda nas suas obras questões étnicas e de pertencimento. Mudou-se para os EUA aos 19 anos para estudar e pôde perceber na pele as construções culturais sobre a identidade dela e de seu povo quando se deparou com o espanto de seus colegas estadunidenses a respeito do seu gosto musical

³*I loved those American and British books I read. They stirred my imagination. They opened up new worlds for me. But the unintended consequence was that I did not know that people like me could exist in literature. So what the discovery of African writers did for me was this: It saved me from having a single story of what books are* (ADICHIE, 2009, 2min 38s).

e costumes serem tão parecidos aos seus. Ela reflete a experiência que teve com uma colega de quarto da sua faculdade:

Naquela história única não havia a possibilidade de os africanos serem parecidos com ela de forma alguma. Nenhuma possibilidade de sentimentos mais complexos do que pena. Nenhuma possibilidade de conexão como humanos iguais. [...] Então, depois de ter passado alguns anos nos EUA como uma africana, eu comecei a entender a reação da minha colega de quarto para comigo. Se eu não tivesse crescido na Nigéria e tudo o que eu soubesse sobre África viesse das imagens populares, eu também pensaria que a África era um lugar de paisagens bonitas, animais bonitos e pessoas incompreensíveis, lutando guerras insensatas, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por si mesmas. Esperando para serem salvas pelo estrangeiro branco e gentil. [...] Essa história única da África vem, eu acho, da literatura ocidental. [...] Então comecei a perceber que minha colega de quarto deve ter visto e ouvido, durante toda sua vida, diferentes versões da história única. (ADICHIE, 2009, 5min 9s, **tradução nossa**).⁴

Ela percebe a influência do que intitula “o perigo da história única” e que a falta de narrativas que trouxessem sua realidade e a de seu povo, que são histórias múltiplas e variadas, geravam estereótipos. Isso reporta a construção de rótulos de pessoas, lugares e realidades sob o ponto de vista da produção cultural e da distorção de identidades. Sendo assim, percebe-se a necessidade de se atentar a como essas histórias estão sendo contadas e que ninguém, como ser humano, está livre de ser interlocutor ou transmissor dessas histórias, disseminando a formulação de padrões sobre os outros. Ainda em seu discurso, Adichie (2009) revela:

A consequência da história única é a seguinte: ela rouba a dignidade das pessoas. Ela dificulta nosso reconhecimento de nossa humanidade igualitária. Ela enfatiza como somos diferentes em vez de como somos semelhantes [...] Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas podem também ser usadas para empoderar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas também

⁴*In this single story there was no possibility of Africans being similar to her, in any way. No possibility of feelings more complex than pity. No possibility of a connection as human equals. (...) So after I had spent some years in the U.S. as an African, I began to understand my roommate's response to me. If I had not grown up in Nigeria, and if all I knew about Africa were from popular images, I too would think that Africa was a place of beautiful landscapes, beautiful animals, and incomprehensible people, fighting senseless wars, dying of poverty and AIDS, unable to speak for themselves, and waiting to be saved, by a kind, white foreigner. (...) This single story of Africa ultimately comes, I think, from Western literature. (...) And so I began to realize that my American roommate must have, throughout her life, seen and heard different versions of this single story* (ADICHIE, 2009, 5min 9s).

podem reparar essa dignidade perdida. (ADICHIE, 2009, 13min 54s, **tradução nossa**).⁵

Todos esses relatos presentes em seu discurso destacam a necessidade indispensável de investigar e apurar as informações compartilhadas sobre terceiros, de romper com a parcialidade das narrativas e de colocar em prática essa conscientização. É importante reiterar que os afro-americanos sofreram preconceito e discriminação ao longo da história dos EUA. Desde os primeiros anos da Literatura afro-americana, essa experiência de segregação motivou alguns escritores negros a tentar se estabelecerem como equivalentes aos escritores europeus-americanos para obter aceitação e reconhecimento no mundo literário.

Langston Hughes (1901 – 1967) é uma figura chave no Renascimento do Harlem, um movimento cultural que celebrou a arte e a literatura negra nas décadas de 1920 e 1930, e seu trabalho continua sendo um testemunho poderoso da experiência negra na América. James Baldwin (1924 – 1987), renomado por seus escritos impactantes sobre raça e sexualidade, muitas vezes teve que percorrer o estabelecimento literário branco para publicar suas obras. Sua contribuição para a literatura o coloca entre os mais proeminentes escritores americanos do século XX.

Por outro lado, vários autores negros se insurgiram contra essas expectativas restritivas que pressupunham que a Literatura Afro-americana deveria se conformar aos padrões e convenções estabelecidos pela literatura branca dominante, retratando os negros de maneira estereotipada ou simplista, focando em temas como sofrimento, escravidão ou superação racial. Ademais, havia uma expectativa por parte de alguns de que a Literatura Afro-americana promovesse a assimilação cultural, retratando os negros como mais "brancos" em seus valores, comportamentos e aspirações.

Esses autores buscaram criar seus próprios espaços no mundo literário. Isso envolveu a fundação de suas próprias editoras, o envolvimento em movimentos literários que celebram a diversidade e a inclusão, bem como a escrita em estilos e gêneros que

⁵*The consequence of the single story is this: It robs people of dignity. It makes our recognition of our equal humanity difficult. It emphasizes how we are different rather than how we are similar (...) Stories matter. Many stories matter. Stories have been used to dispossess and to malign. But stories can also be used to empower, and to humanize. Stories can break the dignity of a people. But stories can also repair that broken dignity* (ADICHIE, 2009, 13min 54s).

são exclusivamente seus. Como exemplos, temos Toni Morrison (1931 – 2019), primeira mulher negra a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura, explorando temas de raça, identidade e a experiência negra na América e conhecida por seu uso inovador da linguagem e sua capacidade de desafiar e subverter as normas literárias brancas. Alice Walker (1944), renomada por seu romance *The Color Purple*⁶ que ganhou o Prêmio Pulitzer em 1983. Seu trabalho frequentemente explora as intersecções de raça, gênero e classe, e ela tem sido uma defensora da justiça social em todo o mundo.

Existe uma velha e incessante luta na procura de representatividade, fala e protagonismo da população negra, momentos em que os estereótipos e preconceitos de uma sociedade racista delongam e dificultam a criação de um mundo antirracista. Através da citação de Hooks⁷, logo abaixo, percebe-se que os negros são submetidos a representações que minimizam, omitem e silenciam seus modos de existência. E mesmo diante de algumas mudanças através de muita luta, o cenário ainda é predominantemente ocupado por pessoas brancas:

Desde que *Olhares Negros* foi publicado pela primeira vez, há um corpus crescente de crítica cultural que explora e desconstrói a associação entre o auto-ódio internalizado pelas pessoas negras e o consumo constante de representações odiosas, em especial nos domínios da cultura popular. Apesar da existência desses trabalhos, que estimulam todos a se manterem criticamente vigilantes em relação às imagens das quais nos cercamos, as imagens que consumimos na mídia de massa continuam a apresentar ao público global as mesmas velhas representações prejudiciais. Ironicamente, embora muitas pessoas negras tenham se tornado produtoras, diretoras e roteiristas, muito do que elas produzem segue os mesmos padrões da cultura dominante imperialista, supremacista branca, capitalista e patriarcal. (HOOKS, 2015, p.11, tradução de BORGES).⁸

⁶No Brasil: *A Cor Púrpura*.

⁷A autora, Gloria Jean Watkins, prefere ser chamada pelo seu pseudônimo escrito em letras minúsculas como um posicionamento político, contudo ao longo do texto o pseudônimo bell hooks aparece com letras maiúsculas, para cumprir as regras gramaticais.

⁸*Since Black Looks was first published there has been a growing body of cultural criticism that explores and deconstructs the link between the internalized self-hatred of black folks and the constant consumption of hateful representations, especially in the realm of popular culture. Despite the presence of this body of work, which urges everyone to be critically vigilant about the images we surround ourselves with, the images we consume in mass media continue to present a global public with the same old harmful representations. Ironically, even though many more individual black folks have become producers, directors, and writers, much of what they produce follows the same patterns as the dominator imperialist white supremacist capitalist patriarchal culture* (HOOKS, 2015, p. 11).

Bell Hooks (1952 – 2021) foi uma autora, ativista antirracista, professora, feminista e artista que publicou inúmeras obras, artigos, entre outros, sobre capitalismo, gênero e interseccionalidade de raça, e fala com bastante eficiência sobre opressão e dominação de classe com uma visão pós-moderna inspirada pela pedagogia crítica de Paulo Freire. Conforme a escritora mencionada, é crucial que se investiguem padrões e representações de imagens enquanto também exista empenho para mudá-los, pois, quando essas representações são alteradas, o corpo negro é capaz de mudar a forma como se percebe e como é percebido. A escritora também ressalta a importância de ter o povo negro como autor de suas próprias histórias:

Os ensaios críticos reunidos em *Olhares negros: Raça e Representação* são gestos de desobediência. Eles representam minha luta política para ampliar as fronteiras da imagem, encontrar palavras para expressar o que vejo, em especial quando observo formas que vão contra a corrente, quando estou vendo coisas que a maioria das pessoas simplesmente não quer acreditar que estão ali. Estes ensaios são sobre identidade. Uma vez que a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro. (HOOKS, 2019, p. 37, tradução de BORGES).⁹

A luta da comunidade negra por um lugar e uma voz em uma sociedade que os exclui, silencia e oprime, tem uma longa história. É subversivo usar a própria raça como fonte de orgulho e poder, e isso só pode ser superado na medida em que as estruturas colonizadoras, patriarcais e racistas são mudadas – uma mudança pela qual negros e não-negros devem empenhar-se. Tudo permanecerá igual enquanto os sistemas sociais forem impulsionados por ideias supremacistas brancas sem desafiar ou exigir o posicionamento da branquitude.

Segundo Davis (1981), precisamos nos unir como sociedade para combater o racismo de forma ativa, pois a solidariedade entre grupos de pessoas diferentes fortalece os movimentos a favor da igualdade. Isso serve como um lembrete de que o combate ao

⁹*The critical essays gathered in Black Looks: Race and Representation are gestures of defiance. They represent my political struggle to push against the boundaries of the image, to find words that express what I see, especially when I am looking in ways that move against the grain, when I am seeing things that most folks want to believe simply are not there. These essays are about identity. Since decolonization as a political process is always a struggle to define ourselves in and beyond the act of resistance to domination, we are always in the process of both remembering the past even as we create new ways to imagine and make the future* (HOOKS, 2015, p. 18).

racismo requer mais do que apenas oposição passiva; requer esforços proativos para desafiar e transformar as estruturas sociais, econômicas e políticas que perpetuam a desigualdade racial. Assim, incentivando os indivíduos a se tornarem agentes ativos de mudança na busca da justiça racial.

Angela Davis é uma influente ativista, acadêmica e autora conhecida por sua defesa nas áreas de direitos civis, feminismo, abolição da prisão e justiça racial. Ela nasceu em 26 de janeiro de 1944, em Birmingham, Alabama, Estados Unidos. Davis emergiu como uma figura proeminente nas décadas de 1960 e 1970 como ativista radical e membro do Partido Comunista dos EUA. Ao longo de sua vida, Davis foi uma crítica aberta do complexo industrial prisional e uma defensora da abolição da prisão. Ela escreveu extensivamente sobre esses tópicos, bem como sobre feminismo, raça e classe. Alguns de seus livros notáveis incluem *Women, Race, and Class* (1981), *Are Prisons Obsolete?* (2003) e *Freedom Is a Constant Struggle: Ferguson, Palestine, and the Foundations of a Movement* (2015) ¹⁰. Ainda de acordo com a ativista:

“Mulher” era o critério, mas nem toda mulher parecia estar qualificada. As mulheres negras, claro, eram praticamente invisíveis no interior da longa campanha pelo sufrágio feminino. Quanto às mulheres brancas da classe trabalhadora, as líderes sufragistas provavelmente ficaram impressionadas, no início, com seus esforços de organização e sua militância. Mas, como se viu depois, as próprias trabalhadoras não abraçaram a causa do sufrágio feminino com entusiasmo. (DAVIS, 1981, p. 82, tradução de CANDIANI).¹¹

Davis enfatiza que o movimento sufragista foi profundamente influenciado pelas hierarquias sociais e raciais da época. O foco do movimento era frequentemente garantir o direito de voto para mulheres brancas, de classe média e alta, enquanto as preocupações e vozes de mulheres de cor e mulheres da classe trabalhadora eram marginalizadas ou ignoradas. O sufrágio feminino refere-se ao movimento pelo direito das mulheres de votar nas eleições políticas. Foi uma campanha social e política

¹⁰No Brasil: *Mulher, Raça e Classe; Estarão as prisões obsoletas?; A liberdade é uma luta constante.*

¹¹“Woman” was the test, but not every woman seemed to qualify. Black women, of course, were virtually invisible within the protracted campaign for woman suffrage. As for white working-class women, the suffrage leaders were probably impressed at first by the organizing efforts and militancy of their working-class sisters. But as it turned out, the working women themselves did not enthusiastically embrace the cause of woman suffrage” (DAVIS, 1981, p. 82).

significativa que procurou conceder às mulheres os mesmos direitos de voto que os homens.

Esse movimento surgiu durante o final do século XIX e início do século XX em muitos países ao redor do mundo. Essa ação visava desafiar a noção predominante de que as mulheres eram politicamente inferiores aos homens e não deveriam ter voz na formulação de políticas públicas. Ao apontar as divisões raciais e de classe em meio ao movimento sufragista, Davis desafia a narrativa predominante que apresenta o movimento como uma luta unificada pelos direitos de todas as mulheres. Ela lança luz sobre as maneiras pelas quais os privilégios raciais e de classe influenciaram os objetivos, estratégias e resultados do movimento.

A importância de ler livros de autores negros e negras é fundamental para amparar a luta contra esse problema e tentar diminuir essa dívida histórica. Pode-se afirmar, portanto, que pessoas negras compartilham um compromisso com a língua e com o seu poder, e também com a recuperação da linguagem que foi utilizada contra os negros. Sendo assim, conhecer a Literatura feminina Afro-americana possibilita a disseminação de histórias de lutas autênticas e assegura que as vozes do povo negro não sejam silenciadas:

(...) a transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de auto-revelação, e isso sempre parece estar cheio de perigos (...) Neste país em que a diferença racial cria uma constante, ainda que velada, distorção da visão, as mulheres negras, por um lado, sempre foram altamente visíveis, assim como, por outro lado, foram invisibilizadas pela despersonalização do racismo (...) tivemos que lutar, e ainda lutamos, por essa visibilidade, que é também o que nós torna mais vulneráveis: a nossa negritude (...) E essa visibilidade que nos torna mais vulneráveis é também a fonte de nossa maior fortaleza. (LORDE, 1984, p.42, tradução de BORGES).¹²

Audre Lorde (1934 – 1992) foi uma escritora feminista, ativista dos direitos civis e homossexuais, e contra o racismo e opressão, abordando sua sexualidade com um olhar progressista. Junto à Barbara Smith e Cherrie Moraga, Audrey fundou a primeira editora

¹²(...) *the transformation of silence into language and action is an act of self-revelation, and that always seems fraught with danger (...) Within this country where racial difference creates a constant, if unspoken, distortion of vision, Black women have on one hand always been highly visible, and so, on the other hand, have been rendered invisible through the depersonalization of racism (...) we have had to fight, and still do, for that very visibility which also renders us most vulnerable, our Blackness (...) And that visibility which makes us most vulnerable is that which also is the source of our greatest strength* (LORDE, 1984, p. 42).

estadunidense para mulheres negras: *Kitchen Table: Women of Color Press*. Suas contribuições foram e continuam sendo de grande valor para a Literatura Feminina Afro-americana.

Então, entende-se que a representatividade negra na Literatura Estadunidense tem imenso valor, pois ela pode retratar um desenvolvimento significativo para as pessoas negras, bem como uma expressão de desafio e revolta que pode ser usada como uma contramedida ao racismo, discriminação e disparidade cultural. É simples perceber muitos aspectos e representações de estereótipos promovidos por grupos raciais dominantes na Literatura e na mídia. Os sujeitos desse processo sistemático de marginalização sofrem consequências danosas. Tudo isso é feito para governar e administrar os desprivilegiados. Os marginalizados sofrem perda de identidade como resultado desse processo. Além disso, a classe dominante, a fim de manter seu poder, distorce a história, fabricando narrativas distorcidas.

Como resultado, os excluídos são forçados a atuar em um estilo específico, o que inevitavelmente resulta em uma perda de cultura. Diante disso, considera-se que nos Estados Unidos, ideias de longa data sobre raça e cor contribuíram para a manutenção do domínio da classe branca e devem ser desalojadas. É preciso um esforço para abordar esse estereótipo racial na literatura e na cultura de uma maneira que garanta o lugar dos negros na história, mas também tenha o potencial de realocar positivamente sua identidade hoje e no futuro.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa que foi desenvolvida é do tipo bibliográfica, pois a coleta de dados foi feita a partir de extratos das obras *Maud Martha* (1953) de Gwendolyn Brooks; *I Know Why The Caged Bird Sings* (1969) de Maya Angelou; *Sula* (1973) de Toni Morrison; *The Color Purple* (1982) de Alice Walker; *Push* (1996) de Sapphire.

A abordagem desta investigação foi do tipo qualitativa, uma vez que aspectos subjetivos da representatividade negra feminina Afro-americana na segunda metade do século XX foram examinados a fim de compreender a problemática estudada.

Esta é, ainda, uma pesquisa de natureza exploratória, uma vez que buscou-se elucidar a importância da representatividade negra feminina na Literatura Afro-americana por meio de uma revisão teórica. Coletaram-se e compararam-se informações, analisando e interpretando os dados encontrados através de inferências, sem interferir nos mesmos. O critério de análise utilizado foi o comportamento das protagonistas.

3.2 População

A população da presente pesquisa é composta por 5 obras escritas pelas autoras Gwendolyn Brooks (1917-2000), Maya Angelou (1928-2014), Toni Morrison (1931-2019), Alice Walker (1944) e Sapphire (1950).

3.3 Amostra

A amostra foi constituída por 25 extratos das seguintes obras: *Maud Martha* (1953) de Gwendolyn Brooks; *I Know Why The Caged Bird Sings* (1969) de Maya Angelou; *Sula* (1973) de Toni Morrison; *The Color Purple* (1982) de Alice Walker; *Push* (1996) de Sapphire.

3.4 Técnica de Coleta de Dados

A técnica de coleta de dados usada foi a técnica da observação direta, uma vez que os dados foram coletados diretamente das obras já mencionadas por meio de observação a fim de que fossem feitas as análises com o objetivo de explicitar a importância da representatividade negra na Literatura feminina Afro-americana.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Livro *Maud Martha*

4.1.1 Resumo e contexto da obra

Gwendolyn Elizabeth Brooks (1917 – 2000), nascida em Kansas e residente de Chicago, foi uma autora, poeta e professora estadunidense que contribuiu de maneira inestimável para a Literatura negra feminina no século XX. Sendo a primeira mulher afro-americana a receber o prêmio Pulitzer de poesia com a obra *Annie Allen* (1949). Ela também foi consultora de poesia da Biblioteca do Congresso, a primeira mulher negra a ocupar esse cargo e poetisa laureada do Estado de Illinois. Muitas das obras de Brooks exibem uma consciência política, especialmente na década de 1960 e posteriores, com vários de seus poemas refletindo o ativismo dos direitos civis daquele período. *Maud Martha* foi a primeira e única prosa escrita por Brooks, e fala sobre a história de uma garota afro-americana de pele escura chamada Maud em Chicago.

O livro é composto de cerca de trinta vinhetas curtas, em cada uma, um poema em prosa evocativa apresentando um momento da vida da personagem principal desde a infância até a vida adulta. No decorrer do romance, somos conduzidos a acompanhar a trajetória de Maud, desde sua infância até a fase adulta, abrangendo seus primeiros romances na adolescência, seu casamento e a experiência da maternidade, desde o início da década de 1920 a meados dos anos 40. Os personagens principais são sua irmã mais velha Helen, sua mãe Belva, o Sr. Brown, seu pai da classe trabalhadora, e seu irmão Harry. Maud tem inveja de Helen por sua pele mais clara e maneirismos delicados, e as irmãs são comparadas por isso ao longo do livro. O pai de Maud enfrenta muita dificuldade para pagar a hipoteca da casa da família, mas Maud ainda o considera um bom provedor.

A raça tem um papel significativo no romance, e a consciência de Maud de sua própria identidade racial a atinge quando um colega de escola branco a faz questionar-se sobre. Ao longo dos anos, Maud tem alguns encontros românticos antes de conhecer Paul Phillips, com quem se casa. Paul, de pele mais clara, promete a Maud uma vida

elegante, porém, ao longo de seu casamento, eles enfrentam constantes dificuldades financeiras. As coisas parecem estar indo bem para Maud e Paul quando ele é convidado para um clube social, o que o faz criar expectativas de que ele subirá na escada social.

No fim, ele não é selecionado para ser membro, e à medida que a decepção da protagonista em relação a Paul aumenta, ela se volta para sua filha recém-nascida. Maud quer dar à sua filha todas as tradições que ela tinha enquanto crescia, e isso coloca mais pressão sobre Paul para ser um melhor provedor. Ele eventualmente perde o emprego, o que força a jovem mulher a aceitar o primeiro trabalho que pôde encontrar, como faxineira. No entanto, ela não se entrega à tristeza e deixa seu ambiente de trabalho racista, confronta sua mãe sobre uma vida inteira de comparações com Helen e encontra sua voz quando confrontada com momentos desconfortáveis de racismo.

Maud Martha é um retrato perspicaz de uma jovem negra que vive no mundo dos brancos das décadas de 1930 e 1940. O romance traz situações comuns de uma vida indiscutivelmente trivial: ser dona de casa, ter filhos, lidar com o racismo e ir ao cinema, mas se concentra também na complexidade do sentimento e na intensidade da imaginação que anima uma vida tão modesta. O livro é uma celebração da feminilidade negra e examina as dificuldades e as provações de ser afro-americana. Tais testes incluem tanto os problemas universais da vida quanto aqueles específicos de raça e gênero: preconceito de raça e cor (de caucasianos, e até mesmo do seu próprio povo, incluindo sua família e seu próprio marido), assim como as expectativas enraizadas no racismo e sexismo. No final, Maud está se sentindo feliz por estar esperando outro filho.

Em termos de contexto histórico, a sociedade estadunidense na década de 1950 estava fortemente orientada para a valorização da família. O casamento e a constituição de uma família eram considerados elementos centrais da agenda nacional. Além disso, durante a Guerra Fria, houve uma dimensão cultural nesse conflito, com a família estadunidense desempenhando um papel central nessa luta ideológica. No entanto, a desmobilização no final da Segunda Guerra Mundial trouxe muitas mudanças. Milhões de mulheres que se juntaram à força de trabalho durante a guerra foram deslocadas por soldados que retornavam. Mensagens na cultura popular e na mídia de massa encorajaram essas mulheres a desistir de seus empregos e retornar silenciosamente à vida doméstica.

É importante lembrar que o ideal de domesticidade era voltado principalmente para mulheres brancas de classe média. Mulheres afro-americanas, bem como mulheres de menor posição socioeconômica, não foram retratadas na cultura popular como esposas e mães. Na verdade, essas mulheres raramente foram retratadas. Embora os afro-americanos tenham sido extremamente influentes na cultura popular ao longo do século XX, a década de 1950 foi uma década muito “embranquecida” do ponto de vista da mídia de massa. Além disso, muitas mulheres afro-americanas foram forçadas pela necessidade econômica a trabalhar fora de casa, portanto, foram excluídas do ideal de domesticidade do pós-guerra.

4.1.2 Análise dos Extratos da Obra

Na narrativa, Maud Martha nunca se sentiu bonita e, quando criança, amava dentes-de-leão porque os achava "ordinários" e bonitos. Mas, por serem ervas daninhas, os dentes-de-leão são normalmente retirados de jardins paisagísticos. Como os dentes-de-leão, a protagonista se sente um tanto "comum" e essa comparação imprecisa destaca o otimismo e a modéstia de Maud, ao mesmo tempo em que adiciona sarcasmo a sua fala, uma vez que por ser negra, Maud se acha ordinária e desinteressante. Como se vê no Quadro 01:

QUADRO 01

LIVRO: MAUD MARTHA

Ela gostava de sua beleza recatada além de sua despreziosidade; pois nesta última qualidade ela pensou ter visto uma imagem de si mesma, e foi reconfortante descobrir que o que era comum também podia ser uma flor. E poderia ser acarinhado! (BROOKS, 1953, p. 5, tradução nossa). ¹³

Fonte: a autora.

Pode-se interpretar no trecho, no Quadro 01, o contexto de superar preconceitos raciais ou desafiar a noção de superioridade racial. A ideia de que "o que era comum também pode ser uma flor" pode ser vista como metáfora para reconhecer a beleza e o valor em pessoas de todas as raças e etnias, independentemente de sua origem ou status

¹³*She liked their demure prettiness second to their everydayness; for in that latter quality she thought she saw a picture of herself, and it was comforting to find that what was common could also be a flower. And could be cherished!* (BROOKS, 1953, p. 5).

social. Ao encontrar conforto e valorizar a cotidianidade e a comunalidade nos outros, Maud pode estar demonstrando uma rejeição dos preconceitos raciais e um reconhecimento da humanidade compartilhada entre os indivíduos. Isso sugere que ela valoriza e aprecia a diversidade e a singularidade presentes em cada pessoa, em vez de aderir a crenças discriminatórias baseadas na raça.

A importância da representatividade segundo Adichie (2009), destaca a relevância de diversas narrativas e o dano causado pela redução de indivíduos ou culturas a uma única narrativa ou estereótipo. Esse conceito pode ser relevante, pois enfatiza a importância de reconhecer a multiplicidade e a riqueza das experiências humanas, particularmente no contexto de raça e identidade.

Abaixo, no Quadro 02, Brooks mostra como Maud se sente insegura por sua aparência, especialmente quando é comparada à sua irmã, Helen. A aparência de Helen, de pele mais clara, pode ser mais atraente para a sociedade, e isso é provado ao longo do romance em situações corriqueiras com garotos da escola dando preferência a Helen. Até mesmo no seu convívio familiar ao ver os pais admirarem Helen à mesa. Ao longo da narrativa entende-se que *Maud Martha* era amante dos livros, era brilhante, virtuosa e imaginativa, não tão bonita e delicada quanto sua irmã mais velha, mas virtuosa mesmo assim. Suas ambições não são grandes, sua beleza é mais sutil, mas ela encontra sua própria maneira de ser feliz ao longo de sua história.

QUADRO 02

LIVRO: *MAUD MARTHA*

Helen ainda era a que eles queriam na carroça, ainda "a bonita", "a delicada". A adorável. Ela não sabia o que era. Ela tentou encontrar algo que devesse ser imitado, para que ela pudesse imitá-lo. Mas ela não sabia o que era. Eu me asseio tanto quanto Helen, ela pensou. Meu cabelo é mais comprido e grosso, ela pensou. Eu sou muito mais inteligente. Leio livros e jornais e os mais velhos gostam de conversar comigo, pensou (BROOKS, 1953, p. 28, **tradução nossa**).¹⁴

Fonte: a autora.

Segundo Hooks (1992), existe uma extrema importância na representação diversificada para desafiar as narrativas dominantes e criar espaços para que vozes

¹⁴*Helen was still the one they wanted in the wagon, still "the pretty one," "the dainty one." The lovely one. She did not know what it was. She had tried to find the something that must be there to imitate, that she might imitate it. But she did not know what it was. I wash as much as Helen does, she thought. My hair is longer and thicker, she thought. I'm much smarter. I read books and newspapers and old folks like to talk with me, she thought (BROOKS, 1953, p. 28).*

marginalizadas sejam ouvidas. No trecho, Helen é retratada como a desejada e admirada, sugerindo uma preferência por determinado padrão de beleza. Isso pode ser visto como um exemplo de representação limitada, onde uma imagem específica de atratividade é valorizada, potencialmente excluindo outras diversas formas de beleza. Conclui-se que a falta de representação diversificada perpetua padrões de beleza estreitos e reforça as desigualdades.

No Quadro 03, Brooks também explora o tema do preconceito entre afro-americanos, particularmente a preferência dos homens afro-americanos por mulheres de pele mais clara. *Maud Martha* é “escura”, com cabelo “ruim”, e sente esse preconceito com dor intensa. Quando *Maud Martha* conhece Paul, ela se sente encantada por como Paul anseia pelas coisas prazerosas da vida. Mas, embora haja momentos de felicidade, idas ocasionais ao cinema e outros pequenos prazeres, a vida é difícil para a recém-casada Maud, cuja pele é mais escura que a do marido, algo que se torna uma barreira para manter seus afetos. Sua constante consciência da preferência de Paul por mulheres de pele clara é uma fonte de dor e insegurança.

QUADRO 03

LIVRO: MAUD MARTHA

O que eu sou por dentro, o que realmente sou, ele gosta. Mas ele fica olhando para a minha cor, que é como se fosse um muro. Ele tem que pular para conhecer e tocar o que eu tenho para ele. Ele tem que pular bem alto para ver. Ele fica terrivelmente cansado de tanto pular (BROOKS, 1953, p. 26, **tradução nossa**).¹⁵

Fonte: a autora.

Ao conectar as ideias de Angela Davis (1981) à temática desse trecho, podemos ver como sua ênfase em reconhecer e desafiar o racismo e o colorismo internalizados se alinha com a exploração dessas questões no romance. Davis incentiva as comunidades negras a confrontar e desmantelar essas crenças e práticas nocivas, a fim de promover maior união e empoderamento dentro da comunidade.

No Quadro 04, o romance retrata um racismo que se estende para além do convívio da casa e família da protagonista. Uma das vinhetas descreve uma situação em que Paul e Maud Martha vão ao centro da cidade para um teatro. Eles compram seus

¹⁵What I am inside, what is really me, he likes okay. But he keeps looking at my color, which is like a wall. He has to jump over it in order to meet and touch what I've got for him. He has to jump away up high in order to see it. He gets awful tired of all that jumping (BROOKS, 1953, p. 56).

ingressos de um porão ao invés de entrar no saguão. Apesar dela gostar do filme por sua música e cenas de lugares bonitos tão diferentes de seu apartamento cinza, quando o filme termina, eles esperam que os brancos não os percebam. A cena ressalta a luta diária contra o racismo vivida pelos personagens e ilustra a persistência das barreiras raciais e da segregação que afetam a vida das pessoas negras. Relacionando com as idéias de Davis (1981), o trecho demonstra a necessidade de desafiar e resistir a essas estruturas opressivas, buscando a transformação social e a criação de espaços mais inclusivos e igualitários para todas as pessoas.

QUADRO 04

LIVRO: MAUD MARTHA

Quando o filme acabou, e as luzes os revelaram como eram, os negros se levantaram entre as peles e tecidos bons e perfume fraco, olharam ansiosos em volta. Eles esperavam não encontrar olhos cruéis. Eles esperavam que ninguém os olhasse (BROOKS, 1953, p.49-50, **tradução nossa**).¹⁶

Fonte: a autora.

No Quadro 05, Maud está chateada consigo mesma por como reagiu ao ver o Papai Noel tratar Paulette injustamente. Semelhante ao incidente com a vendedora de cosméticos no salão de Sonia, a jovem mulher é mais uma vez insultada, mas incapaz de expressar seus sentimentos. Ao declarar que seu silêncio é sua "falha mais faminta", a protagonista revela a importância que ela atribui ao poder de fala. Ela valoriza a habilidade de se manifestar e confrontar injustiças, mesmo que, naquele momento, ela não se sinta capaz de fazer isso. Esse reconhecimento demonstra a consciência de Maud sobre a necessidade de superar os obstáculos que a impedem de se expressar plenamente.

QUADRO 05

LIVRO: MAUD MARTHA

Ela não podia resolver nem descartar. Havia esses fragmentos de ódio confuso nela, ódio sem olhos, sem sorriso e - disso ela se arrependia especialmente, chamava de sua falha mais faminta - sem muita voz" (BROOKS, 1953, p. 176, **tradução nossa**).¹⁷

Fonte: a autora.

¹⁶"When the picture was over, and the lights revealed them for what they were, the Negroes stood up among the furs and good cloth and faint perfume, looked about them eagerly. They hoped they would meet no cruel eyes. They hoped no one would look intruded upon" (BROOKS, 1953, p.49,50).

¹⁷"She could neither resolve nor dismiss. There were these scraps of baffled hate in her, hate with no eyes, no smile and—this she especially regretted, called her hungriest lack—not much voice" (BROOKS, 1953, p. 176).

A frustração de Maud em não poder expressar seus sentimentos e reagir diante de situações injustas reflete as barreiras que muitas pessoas negras enfrentam em suas lutas contra o racismo. Essas barreiras podem incluir o medo, a falta de habilidades de comunicação, as restrições sociais ou a internalização de estereótipos negativos. No contexto das idéias de Davis (1981), essa situação reforça a importância de fornecer recursos e apoio às pessoas negras para que possam superar essas barreiras e fazer suas vozes serem ouvidas. Ao capacitar as pessoas para expressarem seus sentimentos e reagirem a injustiças, busca-se criar uma sociedade mais justa e igualitária onde todas as vozes tenham o poder de impactar e promover mudanças.

4.2 Livro *I Know Why The Caged Bird Sings*

4.2.1 Resumo e contexto da obra

Marguerite Ann Johnson (1928 – 2014), nascida em St. Louis, Missouri, foi uma escritora, poetisa, dançarina, atriz, cantora, professora e ativista política. Ela usava o pseudônimo, Maya Angelou e sua primeira obra de sucesso foi a autobiografia *I Know Why The Caged Bird Sings*, publicada em 1969. Sua obra ficou notavelmente conhecida pela crítica social, questões de gênero e condenação do racismo, e a tornou conhecida mundialmente. Além disso, Angelou se tornou a primeira mulher negra a estampar uma moeda nos Estados Unidos. O poema mais conhecido da autora é *And Still I Rise*, publicado no livro de mesmo título em 1972.

Na mesma década, a escritora se tornou a primeira mulher negra a ter um roteiro produzido: a obra *Geórgia, Geórgia*. Ela também participou dos comitês presidenciais de Gerald Ford, no ano de 1975, e Jimmy Carter, em 1977. Além de tudo, foi professora de Estudos Americanos na *Wake Forest University*. Participou de outras produções, interpretou, em 1993, o papel de tia June no filme *Poetic Justice*. No mesmo ano, sua fama cresceu quando ela foi convidada pelo presidente Bill Clinton a escrever e ler o poema *On the Pulse of Morning* em uma transmissão nacional. O poema fala de paz e aceitação das diferenças. Maya Angelou faleceu em 28 de maio de 2014, em Winston-Salem, nos Estados Unidos.

O primeiro dos sete livros autobiográficos de Maya Angelou, *I Know Why the Caged Bird Sings*, foi lançado em 1969. O livro de memórias relata sua vida dos três aos dezesseis anos, detalhando uma infância turbulenta e ocasionalmente trágica que envolve violência sexual e intolerância. A obra rapidamente alcançou o topo da lista de livros de mulheres afro-americanas que são mais comumente lidos e ensinados. A narrativa começa em 1931, quando Maya Johnson, de três anos, e seu irmão Bailey, de quatro, chegam a Stamps, Arkansas. Seus pais, que haviam se separado recentemente, enviaram os irmãos para morar com a avó, Momma Henderson, na pequena cidade do sul. Momma tem um armazém geral na seção Black de Stamps, que ela administra com a ajuda de seu filho aleijado, tio Willie.

Maya enfrenta emoções de insegurança e abandono desde a infância, buscando refúgio na literatura e na companhia de seu irmão Bailey. Este último, mais travesso do que sua irmã, preenche seu tempo com novas experiências, tornando-se o melhor amigo e confidente da protagonista. A cidade de Stamps é fortemente segregada e Maya tem pouco contato com os brancos, mas ela testemunha o racismo regularmente. Maya vivência um profundo sentimento de injustiça ao observar Momma Henderson esconder o tio Willie da Ku Klux Klan e observar as garotas brancas da vizinhança falarem mal de sua avó. Momma Henderson se torna um bom modelo para Maya e Bailey enquanto eles se aclimatam à vida em Stamps.

O pai chega inesperadamente a Stamps e, após passar algum tempo na cidade, leva os filhos para St. Louis para morar com a mãe, Vivian Baxter. Vivian trabalha em casas de jogo e passa pouco tempo com Maya e Bailey, mas os dois filhos idolatram seu estilo de vida luxuoso, que contrasta fortemente com o comportamento humilde e conservador de Momma Henderson. O Sr. Freeman, namorado de Vivian, abusa sexualmente de Maya quando ela tinha oito anos e ameaça matar Bailey se ela contar a alguém. Então Maya fica em silêncio, mas quando sua mãe descobre, o Sr. Freeman é preso. Apesar de ser considerado culpado do crime, seu advogado consegue libertá-lo no mesmo dia, mas logo depois o Sr. Freeman é assassinado.

Maya então se recusa a falar enquanto luta contra sentimentos de choque e remorso, e Vivian decide devolver as crianças para Stamps. Depois disso, Maya gradualmente se cura sob os cuidados de sua avó. Ela então conhece a Sra. Flowers,

uma mulher inteligente que reacende o amor de Maya pela literatura, tornando-se amiga da garota. Maya supera suas preocupações e conhece uma nova amiga, Louise, que lhe aconselha nos seus primeiros amores e na vida escolar. Quando Maya se forma na oitava série, ela fica orgulhosa de suas conquistas acadêmicas e otimista em relação ao futuro.

Contudo, Momma Henderson devolve as crianças à Califórnia, preocupada com a intolerância racial de Stamps. Maya e Bailey têm treze anos quando se mudam para São Francisco para morar com a mãe, que se casou novamente. Eles gostam de seu novo padrasto, Daddy Clidell, e apreciam a independência de sua mãe. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, o tecido social de São Francisco começa a mudar e Maya finalmente se sente à vontade neste novo ambiente. O pai biológico da protagonista a convida para passar o verão com ele no sul da Califórnia. Maya rapidamente descobre que ele não é nada como ela o imaginava depois de se juntar a ele e sua noiva Dolores. Quando esta abusa fisicamente de Maya durante uma briga, a garota foge e fica sem-teto. Ela entra em um ferro-velho e conhece um grupo de jovens sem-teto, com quem trabalha e mora por um tempo.

A autoestima de Maya é impulsionada pela aceitação incondicional que recebe e sua exposição a novas pessoas e situações transforma radicalmente sua perspectiva. Determinada, ela decide seguir a carreira de operadora de bonde, mesmo havendo uma política que proíbe negros de ocuparem tais cargos. A jovem persevera e se torna a primeira mulher negra a trabalhar como operadora de bonde em São Francisco. Maya então engravida quando começa o último ano do ensino médio. Ele segue a sugestão de seu irmão e espera até depois da formatura para contar a sua mãe e seu padrasto. Ela dá à luz a seu filho três semanas depois, simbolizando sua transição da juventude para a maturidade.

A década de 1960 foi dominada por eventos significativos como a Guerra do Vietnã, os protestos pelos direitos civis, os assassinatos do presidente dos Estados Unidos John F. Kennedy e de Martin Luther King, a crise dos mísseis cubanos e o histórico pouso do homem na lua. Esses acontecimentos moldaram profundamente a história e a consciência coletiva desse período. Profundas mudanças culturais estavam mudando o status das mulheres na cultura estadunidense nesta década. Um número cada vez maior delas ingressou no mercado de trabalho remunerado, o que gerou maior

conscientização sobre as disparidades salariais e de progresso de gênero, além do problema do assédio sexual no local de trabalho, aumentando a frustração e a insatisfação das mulheres com essas questões.

Após a aprovação do governo federal da pílula anticoncepcional, mais de 80% das mulheres casadas em idade reprodutiva estavam utilizando-a no final dos anos 60. Isso representou uma libertação para muitas mulheres, que passaram a ter maior controle sobre sua fertilidade, evitando assim gravidezes indesejadas. Essa conquista proporcionou a elas mais opções e liberdade em suas vidas pessoais. As mulheres negras, na década de 1960, não apenas organizaram e lideraram marchas pelos direitos civis, mas também ampliaram seu alcance em questões como pobreza, feminismo e outras questões sociais.

A "narrativa principal" apresenta um movimento de direitos civis centrado em importantes personalidades masculinas, deixando de fora o envolvimento feminino. Embora as mulheres ativistas fossem subestimadas na época, elas desempenharam papéis importantes na implementação de uma revolução poderosa e bem-sucedida. Os ideais de gênero, de acordo com estudos, frequentemente afastavam as mulheres dos papéis oficiais de liderança no movimento americano pelos direitos civis, deixando-as recorrer a posições informais de liderança quando disponíveis.

Muitas mulheres negras em posições informais de liderança, atuando como "líderes de ponte" e, portanto, trabalhando em segundo plano nas comunidades e conseguindo apoio para o movimento em nível local, explicam em parte por que as narrativas padrões falham em reconhecer os papéis críticos das mulheres no movimento dos direitos civis. Além disso, o conceito de "identidade coletiva" entre participantes e líderes em organizações sociais, como o movimento pelos direitos civis, impede o reconhecimento do engajamento feminino afro-americano. Ele falha em reconhecer as intersecções de raça e gênero na luta pelos direitos civis, resultando em uma falta de valorização das mulheres negras.

4.2.2 Análise dos Extratos da Obra

No Quadro 06, a autora está se referindo aos colhedores de algodão que entram na loja de sua avó antes de começar o dia de trabalho. A visão desses trabalhadores exaustos tem um tremendo impacto em Maya, moldando involuntariamente sua atitude em relação ao preconceito racial nos próximos anos. Maya, ainda jovem, resiste à injustiça que encontra e se recusa a aceitá-la como de costume. A resistência de Maya à injustiça e sua recusa em aceitar a situação como normal refletem o espírito de luta e ação direta defendidos por Audre Lorde (1984). Maya não se resigna diante da injustiça, mas busca resistir e questionar ativamente as estruturas opressivas que ela encontra.

QUADRO 06

LIVRO: <i>I KNOW WHY THE CAGED BIRD SINGS</i>
“Então eles enfrentariam outro dia tentando ganhar o suficiente para o ano inteiro com o conhecimento pesado de que terminariam a temporada como começaram. Sem o dinheiro ou o crédito necessário para sustentar uma família por três meses” (ANGELOU, 1979, p. 9, tradução nossa). ¹⁸

Fonte: a autora.

Além disso, o extrato também aborda a frustração de Maya em não poder expressar seus sentimentos e reagir diante das situações injustas. Essa frustração pode ser relacionada às ideias de Lorde (1984) sobre a importância da expressão de raiva construtiva como uma forma de confrontar as injustiças e romper com a opressão. Portanto, podemos interpretar a resistência de Maya como uma manifestação do ativismo e da recusa em se conformar com a injustiça. Maya busca confrontar as estruturas opressivas e expressar sua insatisfação, contribuindo para a luta por uma sociedade mais justa e inclusiva, alinhada às ideias de Lorde.

No Quadro 07, vê-se que Tio Willie, que teve que viver toda a sua vida com distrofia muscular, só é visto por seus colegas residentes de Stamps através das lentes de sua enfermidade. No entanto, ele quer que vejam sua personalidade em vez de sua doença. Como negro, ele está sujeito a dupla opressão como resultado de como os outros

¹⁸“Then they would face another day of trying to earn enough for the whole year with the heavy knowledge that they were going to end the season as they started it. Without the money or credit necessary to sustain a family for three months.” (ANGELOU, 1979, p. 9).

interpretam sua etnia e deficiência. Por consequência, ele se sente confinado em seu corpo, como um pássaro em sua gaiola.

QUADRO 07

LIVRO: *I KNOW WHY THE CAGED BIRD SINGS*

Ele deve ter se cansado de ser aleijado, como os presos se cansam das grades da penitenciária e os culpados se cansam da culpa” (ANGELOU, 1979, p. 12, **tradução nossa**).¹⁹

Fonte: a autora.

A personagem, Tio Willie, é reduzida à sua enfermidade, e destaca a tendência de rotular as pessoas com base em uma única característica, ignorando sua personalidade e individualidade. Isso pode ser relacionado às críticas de Adichie (2009) ao perigo de uma história única, onde as pessoas são limitadas a uma narrativa estereotipada. Além disso, a sensação de confinamento de Tio Willie em seu próprio corpo, comparada a um pássaro em uma gaiola, pode ser interpretada como uma metáfora da limitação imposta pelas percepções estereotipadas e opressões que ele enfrenta.

Portanto, ao relacionar o trecho às ideias de Adichie (2009), podemos interpretar a experiência de Tio Willie como um exemplo da necessidade de reconhecer a individualidade das pessoas, desafiando estereótipos e indo além de uma visão superficial baseada em uma única característica. Adichie (2009) defende a valorização das histórias individuais e o respeito pela complexidade das identidades das pessoas, o que ressoa com a necessidade de enxergar Tio Willie além de sua enfermidade e reconhecer sua personalidade única.

No Quadro 08, pode-se observar que Maya, privada dos cuidados dos pais desde muito jovem, encontra o amor em suas conexões com Bailey. Ele é o orgulho e a alegria da família Johnson por ser bonito e perspicaz. Maya gosta muito de seu irmão, que continua sendo seu maior amigo e confidente ao longo dos anos, retratando a solidão da mesma, por ser parte de uma família desestruturada e por ter que enfrentar os desafios da negritude sem o suporte necessário.

¹⁹“*He must have tired of being crippled, as prisoners tire of penitentiary bars and the guilty tire of blame.*” (ANGELOU, 1979, p. 12).

QUADRO 08

LIVRO: *I KNOW WHY THE CAGED BIRD SINGS*

"De todas as necessidades (não há nenhuma imaginária) que uma criança solitária tem, aquela que deve ser satisfeita, se houver esperança e uma esperança de plenitude, é a necessidade inabalável de um Deus inabalável. Meu lindo irmão Black era meu Reino do Amanhã" (ANGELOU, 1979, p. 23, **tradução nossa**).²⁰

Fonte: a autora.

O trecho menciona a solidão de Maya como parte de uma família desestruturada e a falta de suporte necessário para enfrentar os desafios da negritude. Isso pode ser associado às ideias de Hooks (1992), sobre a importância da comunidade e do amor como ferramentas de cura e resistência. Ela argumenta que o amor é uma força poderosa que pode transformar vidas e comunidades, ela enfatiza a necessidade de criar espaços de amor e cuidado onde as pessoas possam se apoiar e se fortalecer mutuamente.

Além disso, o trecho também destaca a solidão de Maya, que pode ser entendida como uma consequência das estruturas sociais que marginalizam e isolam as pessoas negras. Esse sentimento de solidão é abordado por Hooks (1992) como uma realidade dolorosa da vida em uma sociedade racista, na qual as conexões e o apoio são fundamentais para resistir e superar a opressão. Portanto, podemos interpretar a experiência de Maya como um exemplo da importância da comunidade, do amor e do apoio para enfrentar a solidão e os desafios da negritude. Maya busca o amor e a conexão em seu relacionamento com seu irmão, e isso ressoa com as ideias de Hooks (1992), sobre a importância do amor como uma força transformadora e da comunidade como um espaço de cura e resistência.

O trecho no Quadro 09 sugere que Momma pretendia ensinar Bailey e Maya sobre os caminhos estabelecidos que as gerações anteriores de afro-americanos haviam descoberto e considerado seguros. Esses caminhos provavelmente se referem a estratégias ou comportamentos que ajudaram a proteger a comunidade contra violência ou discriminação. Percebe-se o ceticismo de Momma em relação a se envolver com pessoas brancas. Ela acreditava que até mesmo manter uma conversa educada com elas poderia colocar a vida de alguém em perigo. Essa perspectiva reflete as realidades

²⁰"Of all the needs (there are none imaginary) a lonely child has, the one that must be satisfied, if there is going to be hope and a hope of wholeness, is the unshaking need for an unshakable God. My pretty Black brother was my Kingdom Come" (ANGELOU, 1979, p. 23).

da segregação racial e do racismo sistêmico que prevaleciam na época em que essa passagem foi escrita.

QUADRO 09

LIVRO: *I KNOW WHY THE CAGED BIRD SINGS*

"Mamãe pretendia ensinar Bailey e eu a usar os caminhos da vida que ela e sua geração e todos os negros anteriores haviam encontrado e considerados seguros. Ela não aceitava a ideia de que se pudesse conversar com os brancos sem arriscar a vida. E certamente não se podia falar com eles de forma insolente. Na verdade, mesmo na ausência deles, eles não poderiam ser mencionados com muita severidade, a menos que usássemos o apelido 'Eles'. Se ela tivesse sido questionada e tivesse escolhido responder à pergunta se ela era covarde ou não, ela teria dito que era realista." (ANGELOU, 1979, p. 47, **tradução nossa**).²¹

Fonte: a autora.

Além disso, o trecho destaca a importância de se manter um tom respeitoso ao se referir aos brancos, mesmo na ausência deles. Momma insiste em usar o termo "Eles" como uma forma de abordar ou discutir indiretamente os brancos sem arriscar possíveis consequências. Essa abordagem cautelosa ressalta a compreensão sobre os riscos associados a criticar abertamente ou falar duramente sobre indivíduos brancos. Ao relacionar o trecho mencionado às idéias de Davis (1981), pode-se argumentar que o racismo é um sistema de opressão estrutural que permeia todas as esferas da sociedade. Ela aponta que a luta contra o racismo não se resume apenas à mudança de atitudes individuais, mas requer uma análise e transformação das instituições e das estruturas sociais que perpetuam a desigualdade racial. Em relação à forma de lidar com os brancos, a autora defende uma abordagem que busca o diálogo e a conscientização. Ela acredita na importância de confrontar e desafiar as estruturas racistas, mas também enfatiza a necessidade de construir alianças entre pessoas de diferentes origens raciais para combater a injustiça.

No Quadro 10, perspicaz e sábia, Maya desde muito jovem percebe todas as forças que possui para lutar como uma mulher negra. Além da adolescência já ser complicada, a mulher negra tem que lidar simultaneamente com a discriminação, a

²¹"Momma intended to teach Bailey and me to use the paths of life that she and her generation and all the Negroes gone before had found, and found to be safe ones. She didn't cotton to the idea that white folks could be talked to at all without risking one's life. And certainly they couldn't be spoken to insolently. In fact, even in their absence, they could not be spoken of too harshly unless we used the sobriquet 'They.' If she had been asked and had chosen to answer the question of whether she was cowardly or not, she would have said that she was a realist." (ANGELOU, 1979, p. 47).

supremacia branca e a falta de controle sobre a própria vida. Maya reconhece que, para ter sucesso, ela precisa superar muito mais dificuldades do que seus colegas brancos, mas essa percepção não a faz desistir, em vez disso, a capacita a seguir seu caminho contra todas as probabilidades.

QUADRO 10

LIVRO: *I KNOW WHY THE CAGED BIRD SINGS*

“A mulher negra é atacada em sua tenra idade por todas aquelas forças comuns da natureza ao mesmo tempo em que é pega no fogo cruzado tripartido de preconceito masculino, ódio ilógico branco e falta de poder negro. O fato de que a mulher negra americana adulta emerge como uma personagem formidável é frequentemente recebido com espanto, desgosto e até beligerância. Raramente é aceito como um resultado inevitável da luta vencida pelos sobreviventes e merece respeito, se não aceitação entusiástica.” (ANGELOU, 1979, p. 272, **tradução nossa**).²²

Fonte: a autora.

No trecho acima, a determinação de Maya surge da consciência de que ela é capaz de superar as dificuldades que surgem em seu caminho. Ela entende que sua voz e suas realizações são fundamentais para romper com as limitações impostas pela sociedade. Em vez de se conformar com as expectativas e estereótipos, ela decide desafiar as probabilidades e buscar seus objetivos com confiança e coragem. Segundo Adichie (2009), conhecida por seus escritos e discursos sobre feminismo e questões de raça, podemos destacar a necessidade de as mulheres negras reconhecerem sua própria força e valor, apesar das adversidades que enfrentam. Ela argumenta que é crucial resistir aos estereótipos e expectativas limitantes impostas pela sociedade e que as mulheres negras têm o direito de buscar seus sonhos e aspirações, independentemente das barreiras existentes.

4.3 Livro *Sula*

4.3.1 Resumo e contexto da obra

²²“The Black female is assaulted in her tender years by all those common forces of nature at the same time that she is caught in the tripartite crossfire of masculine prejudice, white illogical hate and Black lack of power. The fact that the adult American Negro female emerges a formidable character is often met with amazement, distaste and even belligerence. It is seldom accepted as an inevitable outcome of the struggle won by survivors and deserves respect if not enthusiastic acceptance.” (ANGELOU, 1979, p. 272).

A escritora Chloe Anthony Wofford (1931 – 2019), mais conhecida como Toni Morrison, nasceu na cidade de Lorain, em Ohio, nos Estados Unidos. Tornou-se famosa por seu trabalho intenso e comovente, na qual ela expressa a vivência das mulheres negras estadunidenses ao longo dos séculos XIX e XX. Morrison cursou teatro na Universidade de Harvard e Letras na Universidade de Cornell, na cidade de Nova York. Após a graduação ela atuou como professora de inglês no meio acadêmico.

Em 1965 a escritora exerceu o ofício de editora de obras ficcionais, até lançar seu primeiro livro, *The Bluest Eye*, em 1970. Na obra ela narra a história de uma jovem da raça negra que tem uma verdadeira compulsão pela pele branca, torturando-se incessantemente por não possuir olhos azuis. Morrison se vale desta narrativa para tratar de questões ligadas à negritude, ao feminino e aos padrões convencionais de beleza. Esta temática se repete em vários de seus trabalhos.

Mais adiante a autora lança *Beloved*, em 1987, o primeiro volume de uma trilogia celebrada, a qual engloba *Jazz*, publicado em 1992, e *Paradise*, de 1997. O livro *Beloved*, inspirado em fatos reais, é reconhecido pelos críticos, que lhe concedem o Prêmio Pulitzer de melhor ficção e é considerado um dos melhores romances americano pelo jornal norte-americano *The New York Times*. Morrison retratou em seus livros personagens que apresentam história de vida semelhante à sua. Sua popularidade vem justamente de sua maestria em traduzir as experiências destas protagonistas negras e miseráveis, em um país economicamente abalado. A natureza literária assumida pela autora, uma mulher negra e de origem humilde em um país reconhecido por sua tradição racista, a consagra como uma das melhores escritoras estadunidenses dos últimos tempos, o que confere a ela, em 1993, o Prêmio Nobel de Literatura.

O romance vencedor do Prêmio Nobel de Toni Morrison, *Sula*, foi inicialmente publicado em 1973. *Sula* é um conto de maternidade, amizade e amor. O livro segue a trajetória de duas meninas, Nel e Sula, desde a infância até a maturidade e explica como as convenções culturais colocam à prova sua amizade. A narrativa, ambientada em uma comunidade predominantemente negra em Ohio, investiga a interação entre mulheres no sul segregado e patriarcal. No entanto, o romance destaca as várias personagens femininas fortes que atuam como líderes, mães e proprietárias.

A narradora começa revelando o fim da cidade onde Sula morava. Antes de explicar tudo o que existia em “Bottom”, a narrativa lamenta seu fim. Shadrack, um veterano de combate que foi fisicamente e emocionalmente marcado pelo conflito, retorna a Medallion como um alcoólatra. Sua preocupação com a morte o inspira a estabelecer o Dia Nacional de Prevenção ao Suicídio, um feriado comemorado anualmente em 3 de janeiro. Shadrack marcha ao longo da Carpenter 's Road com um sino de vaca, dizendo aos aldeões que eles podem matar uns aos outros ou a si mesmos nesse dia.

Helene e sua filha Nel vão para Nova Orleans para ver uma tia moribunda e, enquanto viajam, encontram os desafios do sul segregado e racista. Ambas encontram a mãe de Helene, que não a criou sozinha devido à sua profissão como prostituta. Quando as duas retornam, Helene fica aliviada por se livrar de seu passado humilhante, enquanto Nel está decidida a um dia ser brilhante. Ela começa esta aventura fazendo amizade com Sula, contra os desejos de sua mãe.

Sula e a família Peace são descendentes de Eva Peace, a matriarca. Eva chega a Medallion com seu marido BoyBoy e seus três filhos, Hannah, Pearl e Ralph (Plum). Quando BoyBoy recebe uma oferta de emprego para ajudar um carpinteiro branco, eles se mudam para Medallion. BoyBoy logo abandona a família, deixando Eva criar os filhos sozinha. Ela deixa as crianças com um vizinho por dezoito meses, exausta e pobre, então retorna com uma nova prosperidade misteriosa e sem uma de suas pernas. Eva investe seu dinheiro na construção de uma grande mansão na Carpenter's Road, onde convida pensionistas e crianças. Na adolescência, Sula e Nel se tornam amigas excepcionalmente próximas. Elas fazem praticamente tudo juntas e terminam as frases uma da outra. Nel e Sula compartilham até mesmo um segredo de quando elas acidentalmente matam uma criança pequena chamada Chicken Little.

A morte de Chicken é seguida pela morte de mais alguns personagens importantes. Plum retorna da guerra com problemas relacionados às drogas e, por estar causando transtornos, Eva o incendeia porque quer que seu filho morra como um homem, se ele não puder viver como um. Hannah é a próxima a morrer depois de inadvertidamente se incendiar enquanto lavava roupa. Sula e Nel permanecem próximas à medida que envelhecem. Sula ainda prepara ao máximo o casamento de Nel com Jude

Greene. No entanto, as amigas não se veem novamente até que Sula volta para Medallion após concluir a faculdade depois de dez anos depois.

Quando Sula chega, ela coloca Eva em uma casa de repouso. Sula, por outro lado, não consegue se comunicar com Nel após ter um caso com seu esposo e passa a vida em Medallion insultada e condenada pela população. Sula teve um breve caso de amor com Ajax, um cara mais velho que ela conheceu quando era mais jovem. No entanto, o Ajax parte quando ela dá sinais de devoção. Sula fica com o coração partido e doente logo depois. A doença de Sula aproxima as duas mulheres novamente, apesar do fato de que elas não se falavam desde que Jude deixou Nel. Elas discutem e Nel fica mais uma vez irritada com a atitude de Sula em relação à conformidade e à tradição.

Sula morre sozinha depois que Nel vai embora. Shadrack também é afetado pela morte de Sula, já que não quer mais comemorar o Dia Nacional de Prevenção ao Suicídio. Ele, no entanto, decide manter sua corda e sino por mais um ano. Em 3 de janeiro, vários vizinhos de Shadrack marcharam ao lado dele até chegarem ao canteiro de obras, que há muito era proibido para negros em busca de trabalho. Movidos pela frustração, algumas pessoas decidem destruir o Túnel, mas acabam perdendo a vida quando a estrutura desaba sobre elas.

A trama termina em 1965, com Nel com 55 anos e todos os seus filhos concluíram o ensino médio. Ela visita a Eva no hospital e é forçada a confrontar seu envolvimento na morte de Chicken. Nel reconhece que carrega uma grande angústia e tristeza pela perda de sua amiga. Em um ato de angústia e consciência, ela grita o nome de Sula para o alto. Morrison estava cercada pelo discurso feminista que encorajava as mulheres a colaborarem em vez de competir quando ela concebeu o livro no final dos anos 1960. Ela desejava expressar a irmandade culturalmente aceita que ela lembra enquanto crescia em uma comunidade negra, ao mesmo tempo em que demonstrava como essa irmandade pode ser ampliada por pressões externas.

A década de 1970 é frequentemente lembrada pela alta inflação, agitação política e o declínio do status global dos Estados Unidos. No entanto, a importância do período se estendeu além dos altos preços da gasolina, Watergate e Vietnã, grandes mudanças se enraizaram na política estadunidense, nos valores sociais e na economia do país. Apesar da força e prosperidade dos Estados Unidos, muitos americanos estavam

enfrentando insatisfação devido ao desemprego, à inflação e a uma série de problemas energéticos. As fábricas fecharam, os trabalhadores protestaram e os empregos foram para outros lugares enquanto o país mudava de uma economia manufatureira para uma economia baseada em serviços.

Um movimento generalizado questionou os custos ambientais da prosperidade estadunidense. As reformas destinadas a aliviar a pobreza e promover a vitalidade econômica estagnaram. Ao longo da década de 1970, vários grupos americanos lutaram por direitos sociais e políticos mais amplos. Após anos de luta das feministas, o Congresso incluiu a Emenda de Direitos Iguais (ERA) na Constituição em 1972, que afirma, entre outras coisas, que todos, independente do sexo, deveriam ter os mesmos direitos no país. A Emenda parecia ter uma boa chance de passar, 22 dos 38 estados necessários ratificaram-no imediatamente, e os estados restantes pareciam estar logo atrás. Muitos ativistas conservadores, no entanto, estavam preocupados com o fato de o ERA corroer os papéis convencionais de gênero. Esses ativistas se organizaram contra a Emenda e conseguiram derrotá-la. Indiana se tornou o 35º e último estado a adotar o ERA em 1977.

4.3.2 Análise dos Extratos da Obra

A narradora conta a história de como o bairro negro de Medallion, conhecido como Bottom, ganhou seu apelido. O grau de veracidade da história é desconhecido. O que é certo é que os residentes negros provavelmente herdaram suas propriedades como resultado de um comércio injusto. Eles riem da possibilidade de evitar admitir a tristeza de serem repetidamente defraudados e mal pagos por trabalhos e serviços árduos, realidade comum aos negros da época.

A ideia destacada no Quadro 11 pode ser relevante em relação às ideias de Lorde (1984), que enfatizava a importância do riso e do humor como uma forma de resistência e empoderamento para as pessoas marginalizadas. Ela argumentava que o riso poderia ser uma maneira de rejeitar as narrativas dominantes que perpetuam a opressão, permitindo que as pessoas encontrem força e se unam em meio às adversidades. Eles estão encontrando uma maneira de resistir às injustiças e às dificuldades diárias por meio

do riso, rejeitando a narrativa de opressão e encontrando poder em sua própria resiliência.

QUADRO 11

LIVRO: *SULA*

<p>“Uma risada escancarada, de tapa no joelho e de olhos molhados que poderia até descrever e explicar como eles chegaram onde estavam” (MORRISON, 1987, p. 4, tradução nossa).²³</p>

Fonte: a autora.

Além disso, a descrição do comércio injusto e da exploração econômica enfrentada pelos negros em Bottom também está alinhada com as ideias de Lorde sobre a interseccionalidade das opressões. Lorde enfatizava que as experiências de opressão, como o racismo e o sexismo, são intrinsecamente interligadas. O fato demonstra como a desigualdade racial afeta diretamente a vida e o bem-estar econômico das pessoas. Dessa forma, percebemos como o riso e a resistência encontrados pelos residentes de Bottom podem ser vistos como um ato de empoderamento diante da opressão e como uma maneira de rejeitar as narrativas dominantes que perpetuam a exploração e a discriminação. A passagem também destaca a importância de reconhecer e abordar as interseccionalidades das opressões para criar mudanças significativas e promover a justiça social.

A narradora relata o método de Helene para criar Nel. Helene deu a Nel uma ideia inicial de como seu mundo seria estreito, a fim de torná-la mais submissa e mais preparada para os rigores da feminilidade e do casamento. Ela sufocou qualquer criatividade ou ambição que a menina pudesse ter, o que era uma abordagem comum na criação de filhos na época.

O trecho exposto no Quadro 12 pode ser vinculado às ideias de Hooks (1992), que aborda as questões da criação de filhos e da socialização de gênero, enfatizando como as normas e expectativas de gênero são internalizadas desde a infância e moldam a identidade e o comportamento das pessoas. A abordagem de Helene ao criar Nel reflete a maneira como as normas de gênero são transmitidas de uma geração para outra, perpetuando a submissão feminina e a conformidade com as expectativas tradicionais de

²³“A shucking, knee-slapping, wet-eyed laughter that could even describe and explain how they came to be where they were.” (MORRISON, 1987, p. 4).

casamento e feminilidade. Isso se alinha com as críticas de Hooks (1992) sobre a socialização de gênero e como as meninas são ensinadas a se tornarem submissas e obedientes desde cedo.

QUADRO 12

LIVRO: *SULA*

“Qualquer entusiasmo que a pequena Nel mostrava era acalmado pela mãe até que ela acabasse com a imaginação da filha” (MORRISON, 1987, p. 18, **tradução nossa**).²⁴

Fonte: a autora.

Argumenta-se que essa socialização restritiva limita o potencial das mulheres, inibindo sua criatividade, ambição e autonomia. Ela enfatiza a importância de criar crianças de forma mais igualitária, encorajando-as a explorar suas paixões, desenvolver suas habilidades e desafiar as normas de gênero restritivas. Isso contrasta com a abordagem de Helene, que sufocou qualquer criatividade ou ambição que Nel pudesse ter. Ao relacionar o trecho com as ideias de Hooks (1992), podemos ver como a criação de filhos influencia a maneira como as normas de gênero são internalizadas e perpetuadas. O trecho destaca a necessidade de questionar essas práticas e buscar uma criação mais inclusiva, que permita que as crianças expressem sua individualidade e se desenvolvam de acordo com seus próprios desejos e aspirações, independentemente das restrições de gênero impostas pela sociedade.

No Quadro 13, a passagem destaca a consciência que Nel e Sula tinham quando meninas sobre suas identidades como mulheres negras e as expectativas colocadas sobre elas. Nel havia recebido instruções de sua mãe sobre o que se esperava dela, provavelmente referindo-se às normas e papéis sociais atribuídos às mulheres negras. Ambas as meninas também tiveram a oportunidade de observar as experiências das mulheres negras em sua comunidade, o que provavelmente as expôs aos desafios e opressões enfrentados pelas mulheres pretas.

²⁴“Any enthusiasms that little Nel showed were calmed by the mother until she drove her daughter’s imagination underground.” (MORRISON, 1987, p. 18).

QUADRO 13

LIVRO: *SULA*

“Como cada uma havia descoberto anos antes que não era branca nem homem, e que toda liberdade e triunfo lhes era proibido, eles começaram a criar algo diferente para ser.” (MORRISON, 1987, p. 52, **tradução nossa**).²⁵

Fonte: a autora.

No entanto, a passagem acima também aponta o aspecto irônico de sua opressão. Embora as expectativas sociais impostas a eles fossem frustrantes, a ausência de expectativas específicas também lhes proporcionava um caminho para a liberdade. Como jovens mulheres negras, elas não foram sobrecarregadas com papéis sociais rígidos ou caminhos pré-definidos a seguir. Isso criou uma oportunidade para eles criarem suas próprias identidades e perseguirem seus próprios desejos e aspirações, livres das limitações frequentemente impostas pela sociedade.

De certa forma, a falta de expectativas específicas permitiu que Nel e Sula navegassem em suas vidas com mais propriedade e autonomia. Elas não estavam limitadas por definições estreitas do que significava ser uma mulher negra e, portanto, tinham a liberdade de se definir e determinar seus próprios caminhos. Isso pode ser visto como uma forma de libertação em meio às restrições de seu contexto social. Ainda no trecho do Quadro 13, há uma reflexão sobre a complexa relação entre opressão e liberdade. Embora as meninas estivessem cientes dos desafios e restrições impostas a elas, elas também encontraram um certo grau de liberdade na ausência de expectativas rígidas. Remete à resiliência e desenvoltura dos indivíduos em encontrar maneiras de navegar e transcender os sistemas opressivos, mesmo diante das limitações que enfrentam.

Hooks (1992) escreveu extensivamente sobre as intersecções de raça, gênero e poder, particularmente em relação ao feminismo e às experiências das mulheres negras. Ela enfatizava a necessidade de autocapacitação e a importância de desafiar e redefinir as expectativas e normas da sociedade. A passagem se alinha com a ênfase de Hooks na individualidade e na possibilidade de encontrar liberdade resistindo e transcendendo as expectativas da sociedade.

²⁵“*Because each had discovered years before that they were neither white nor male, and that all freedom and triumph was forbidden to them, they had set about creating something else to be.*” (MORRISON, 1987, p. 52).

O reconhecimento de Nel e Sula de sua opressão e a falta de expectativas específicas colocadas sobre eles reflete o potencial de autodeterminação e libertação dentro de um contexto de restrições sociais. O narrador continua descrevendo Sula e explicando por que ela irritou os negros de Medallion. O senso inabalável de individualidade e singularidade de Sula era o núcleo de seu ódio por ela. Ela desafiou as expectativas da sociedade vivendo apenas para seu próprio prazer e interesses, o que era considerado inaceitável para uma mulher.

A transcrição no Quadro 14 pode ser associada às ideias de Lorde (1984), que enfatizou a importância do autoempoderamento e da auto-expressão para indivíduos marginalizados. Lorde argumentou que a sociedade muitas vezes impõe expectativas estreitas e estereótipos sobre as mulheres, especialmente mulheres de cor, limitando sua autonomia e negando-lhes o direito de viver autenticamente e perseguir seus próprios desejos e interesses.

QUADRO 14

LIVRO: *SULA*

“Suas evidências contra Sula foram forjadas, mas suas conclusões sobre ela não. Sula era distintamente diferente. A arrogância de Eva e a autoindulgência de Hannah se fundiram nela e, com uma reviravolta que era toda sua imaginação, ela viveu seus dias explorando seus próprios pensamentos e emoções, dando-lhes rédea solta, sentindo-se sem obrigação de agradar a ninguém, a menos que o prazer deles a agradasse” (MORRISON, 1987, p. 118, **tradução nossa**).²⁶

Fonte: a autora.

A recusa de Sula em se conformar aos papéis e expectativas tradicionais de gênero desafia as normas rígidas que ditam como as mulheres devem se comportar e viver suas vidas. Sua busca implacável de prazer e interesse próprio perturba o status quo e ameaça a ordem social que oprime as mulheres. Ao viver em seus próprios termos, Sula representa uma forma de rebelião contra as restrições impostas às mulheres negras em particular. Além disso, as ações da protagonista também podem ser vistas como uma forma de auto empoderamento e resistência às estruturas opressoras que buscam controlar e limitar a vida das mulheres. Ao desafiar as expectativas da sociedade, Sula

²⁶“*Their evidence against Sula was contrived, but their conclusions about her were not. Sula was distinctly different. Eva’s arrogance and Hannah’s self-indulgence merged in her and, with a twist that was all her own imagination, she lived out her days exploring her own thoughts and emotions, giving them full rein, feeling no obligation to please anybody unless their pleasure pleased her.*” (MORRISON, 1987, p. 118).

reitera sua existência e afirma seu direito de determinar seu próprio caminho e encontrar satisfação em seus próprios termos.

No geral, a descrição do comportamento de Sula e as reações negativas que ela provoca na comunidade negra em *Medallion* destaca a tensão entre as expectativas da sociedade e a liberdade individual. Ressalta a importância de desafiar as normas opressivas e abraçar a própria identidade e desejos. Esse conflito entre as expectativas da sociedade e a busca pela liberdade individual é uma preocupação central nas idéias de diversos teóricos e ativistas, como Davis, Hooks e Lorde. Eles argumentam que a liberdade individual só pode ser alcançada ao desafiar as normas opressivas e abraçar plenamente a própria identidade e desejos.

Essas pensadoras enfatizam a importância de se libertar das amarras impostas pela sociedade e rejeitar as expectativas opressivas que limitam o desenvolvimento pleno das pessoas. Elas defendem a autonomia, a autenticidade e a expressão individual como elementos cruciais para alcançar a liberdade e a realização pessoal. Sentindo as limitações da vida de Nel e de outras mulheres negras, Sula contou a Nel como ela podia se identificar com as coisas que os afligiam, embora se recusasse a experimentá-los. A diferença entre a maneira como eles escolheram viver e a maneira como ela viveu foi que ela se recusou a viver de acordo com quaisquer padrões que não fossem os seus, recusou-se a limitar sua existência a satisfazer as expectativas de outra pessoa.

No Quadro 15, a atitude de Sula, ao compartilhar com Nel como ela poderia se identificar com as experiências e desafios enfrentados pelas mulheres negras, apesar de escolher não os vivenciar diretamente, destaca uma abordagem diferenciada em relação à vida. Sula se recusa a conformar-se a padrões e expectativas impostas por outros, optando por viver de acordo com seus próprios termos. A postura da personagem reflete a importância de buscar a autenticidade pessoal e rejeitar as restrições que a sociedade impõe. Sula recusa se limitar a satisfazer as expectativas de outras pessoas é um ato de resistência e um exemplo de como se libertar das amarras que restringem o desenvolvimento pleno das mulheres negras.

QUADRO 15

LIVRO: *SULA*

“Você acha que eu não sei como é a sua vida só porque não estou vivendo? Eu sei o que cada mulher de cor deste país está fazendo [...] Morrendo. Apenas como eu. Mas a diferença é que elas morrem como um toco. Eu, estou caindo como uma daquelas sequóias. Eu com certeza vivi neste mundo.” (MORRISON, 1987, p. 142, **tradução nossa**).²⁷

Fonte: a autora.

Essa abordagem é congruente com as ideias de diversas pensadoras e ativistas negras, como Lorde, Hooks e Davis. Elas enfatizam a necessidade de desafiar as normas opressivas e buscar uma existência autêntica e livre, rompendo com os padrões que são impostos às mulheres negras e se recusando a se conformar a eles. Ao se recusar a viver de acordo com os padrões impostos pela sociedade, Sula reivindica sua autonomia e liberdade individual. Ela escolhe seguir seu próprio caminho, mesmo que isso signifique enfrentar julgamentos e resistência daqueles que esperam que ela se enquadre em um determinado molde. A história de Sula e sua abordagem diferenciada para viver destacam a importância de desafiar as expectativas impostas e buscar uma vida autêntica e significativa. Essa narrativa ressalta a necessidade de valorizar a individualidade e a capacidade de se definir fora dos limites estreitos estabelecidos pela sociedade, especialmente para as mulheres negras que enfrentam múltiplas formas de opressão.

4.4 Livro *The Color Purple*

4.4.1 Resumo e contexto da obra

Alice Walker (1944) é escritora, poeta e ativista feminista, nascida no estado da Geórgia, nos Estados Unidos e, devido ao contexto da segregação racial, estudou na única escola que aceitava crianças negras em sua cidade. Ela teve um desempenho acadêmico excepcional e, como resultado, recebeu uma bolsa integral para a universidade em Atlanta. Posteriormente, ela se juntou ao Movimento pelos Direitos Civis

²⁷“You think I don’t know what your life is like just because I ain’t living it? I know what every colored woman in this country is doing [...] Dying. Just like me. But the difference is they dying like a stump. Me, I’m going down like one of those redwoods. I sure did live in this world” (MORRISON, 1987, p. 142).

em Nova York e se formou em Artes, graduando-se em 1965. Iniciou sua carreira de escritora com *Once* (1968), livro de poesias, porém sua fama mundial foi alcançada por meio da obra *The Color Purple* (1982), pelo qual ganhou o Prêmio Pulitzer. Na publicação, Walker mostra representações de uma mulher negra sulista quase analfabeta, que vive em uma dura realidade de pobreza, opressão e falta de amor.

Além disso, ela também escreveu o livro *In Love and Trouble* (1973), uma obra formada por múltiplas vozes de mulheres negras do Sul dos Estados Unidos. O livro é composto por uma coletânea de contos, apresentando mulheres distintas com seus medos, desafios e aspirações. Walker sempre foi uma ativista pelos direitos dos negros e das mulheres, no qual se sobressaiu na luta contra o apartheid e contra a mutilação genital feminina em países africanos. No ano de 1984, fundou a própria editora, chamada *Wild Trees Press*.

The Color Purple retrata Celie, uma adolescente afro-americana criada em uma área rural na Geórgia, enquanto ela aprende a desafiar o autoconceito paralisante imposto por outros. A personagem relata sua vida em cartas profundamente honestas para Deus. Essas são desencadeadas quando seu pai violento, Alphonso, a instrui a não contar nada a ninguém, exceto a Deus, depois de estuprá-la e engravidá-la pela segunda vez aos 14 anos. Depois que Celie dá à luz, Alphonso sequestra a criança, como fez com o filho anterior, levando a jovem a temer que ambos tivessem sido assassinados. Quando Albert, um viúvo, oferece casamento à irmã mais nova dela, Nettie, Alphonso o força a aceitar Celie, levando-a a um casamento abusivo. Nettie então deixa Alphonso e mora brevemente com a protagonista. O interesse contínuo de Albert por Nettie, por outro lado, faz com que aquela vá embora.

Celie então começa a formar laços com outras mulheres negras, principalmente aquelas que resistem ativamente à injustiça. Dentre elas, Sofia, que se casa com o filho de Albert, Harpo, depois de engravidar. Harpo, incapaz de dominá-la, busca ajuda e a protagonista sugere que ele bata em Sofia. Esta, por outro lado, revida quando Harpo a agride e confronta uma Celie culpada, que admite ter inveja da determinação de Sofia em revidar, e as duas mulheres se tornam amigas. A amizade de Celie com Shug Avery, uma cantora independente que também é amante ocasional de Albert, é mais crucial.

Celie cuida dela enquanto estava doente, e as duas se aproximam, acabando por se apaixonar.

Durante esse tempo, Celie descobre que Albert está escondendo as cartas que Nettie lhe enviou. Ela começa a lê-las e descobre que Nettie fez amizade com um ministro chamado Samuel e sua esposa Corrine. Além disso, fica sabendo que os filhos adotivos do casal, Adam e Olivia, são, na verdade, filhos de Celie. Nettie se junta à família em uma missão na Libéria, onde Corrine morre mais tarde. As cartas também revelam que Alphonso é na verdade o padrasto de Celie e que seu pai biológico foi linchado. Questionando sua fé, ela começa a endereçar suas cartas para Nettie. No entanto, Shug mais tarde encoraja Celie a mudar suas crenças sobre Deus.

Ela então decide deixar Albert e ir para Memphis com Shug. Uma vez lá, a mesma se destaca e cria um negócio de sucesso vendendo calças feitas sob medida. Sua felicidade, no entanto, é um pouco atrapalhada pelos casos de Shug com outras pessoas, embora ela continue a amá-la. Após a morte de Alphonso, Celie herda a casa e decide viver lá. Durante esse tempo, ela desenvolve uma amizade com Albert, que se desculpa pelo tratamento que deu a ela. Depois de cerca de 30 anos separados, ela se reencontra com Nettie, que se casou com Samuel, podendo então finalmente conhecer seus filhos perdidos.

Durante a década de 1980, muitos indivíduos adotaram um novo conservadorismo na vida social, econômica e política, como exemplificado pelas políticas do presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan. No final dos anos 1970 e início dos anos 1980, o movimento conservador populista conhecido como Nova Direita teve uma expansão extraordinária. Ele atraiu uma ampla gama de americanos, incluindo cristãos evangélicos, defensores da desregulamentação e de mercados menores, defensores de uma presença estadunidense mais forte no exterior, liberais brancos descontentes e defensores de um livre mercado ilimitado.

O Movimento de Mulheres iniciou uma nova fase na década de 1980, marcada por avanços e retrocessos. A década começou com uma transição dramática na liderança política nacional e estadual. O ex-governador da Califórnia, Ronald Reagan, um ferrenho oponente do aborto e dos direitos reprodutivos, ação afirmativa, regulamentação governamental e muitos programas liberais de serviço social, foi eleito presidente em

1980. No nível estadual, o governador esquerdista da Califórnia, Jerry Brown, foi derrotado em sua candidatura ao Senado dos Estados Unidos por Pete Wilson, o prefeito republicano de San Diego (que viria a se tornar governador da Califórnia em 1988). Tom Bradley, o liberal afro-americano prefeito de Los Angeles, foi derrotado na campanha para governador pelo deputado republicano George Dukmejian.

As mulheres teriam que lutar novamente para consolidar as conquistas que obtiveram nas décadas de 1960 e 1970. As preocupações de uma nova geração de mulheres de cor, muitas das quais viviam e trabalhavam no norte da Califórnia, foram adicionadas às vozes do movimento de mulheres predominantemente brancas.

4.4.2 Análise dos Extratos da Obra

No trecho exposto no Quadro 16, nota-se que Celie leva a advertência de Alphonso a sério. Seu consentimento à exigência dele demonstra que, como jovem e mulher, ela considera homens e figuras patriarcais como autoridade absoluta que não deve ser desafiada. A decisão dela de escrever para Deus em vez de orar demonstra a intensidade de sua culpa e angústia por sua violação sexual, bem como a importância de sua escrita como método de narrar sua vida. No entanto, Deus nunca responde a Celie, demonstrando o quão distante é uma figura de Deus para ela quando criança. Em outras palavras, a religião neste momento é de pouca ajuda para ela.

QUADRO 16

LIVRO: <i>THE COLOR PURPLE</i>
“Nunca conte a ninguém além de Deus. Isso mataria sua mãe.” (WALKER, 1992, p. 1, tradução nossa). ²⁸

Fonte: a autora.

O trecho menciona a postura de Celie em relação às figuras patriarcais e sua relação com a religião. A sua aquiescência diante das exigências de Alphonso revela como, na sua juventude e como mulher, ela percebe os homens e as figuras patriarcais como autoridades absolutas que não devem ser desafiadas. Essa atitude reflete a

²⁸“*You bet never tell nobody but God. It’d kill your mammy.*” (WALKER, 1992, p. 1).

dinâmica de poder desigual e opressão que permeia a sociedade, onde as mulheres são ensinadas a se submeterem e acreditarem na autoridade masculina.

Essa descrição pode ser relacionada às ideias de diversas pensadoras feministas, como Hooks (1992) e Lorde (1984), que abordam a opressão das mulheres e a influência do patriarcado na sua submissão e falta de autonomia. Essas autoras destacam como as estruturas patriarcais perpetuam a desvalorização das mulheres e a imposição de normas e expectativas limitantes. Além disso, a falta de resposta de Deus a Celie também levanta questões sobre a construção social e cultural da religião e como ela pode falhar em oferecer suporte ou empoderamento para mulheres em situações de opressão.

No contexto da história, o trecho enfatiza a necessidade de questionar as estruturas de poder patriarcais e buscar fontes de apoio e empoderamento que vão além das convenções tradicionais, sejam elas religiosas ou sociais. Ao narrar a experiência de Celie, o texto aponta para a importância de encontrar sua própria voz e construir uma identidade independente das restrições impostas pela sociedade e pelas figuras de autoridade.

No Quadro 17, Celie relembra sua reação a um retrato de Shug que sua madrastra conseguiu depois de saber sobre a paixão de Albert por Shug. Ela é relativamente jovem quando vê essa foto, então o pensamento de uma senhora que não é como as cristãs honestas com as quais ela está acostumada, tem uma influência significativa em sua percepção dos padrões de gênero.

Apesar de seus melhores esforços para cumprir as convenções de gênero, ela tem um pressentimento de que essas normas podem ser violadas. Muitas das mulheres que ela conhece são sóbrias e severamente reprimidas, então ter uma personagem como Shug como contraste tem uma tremenda influência no fato de Celie ver uma versão de feminilidade que se concentra na alegria e na vaidade.

QUADRO 17

LIVRO: *THE COLOR PURPLE*

"Shug Avery era uma mulher. A mulher mais linda que já vi. Ela é mais bonita que minha mãe. Ela é dez mil vezes mais bonita do que eu. Eu a vejo lá vestida em peles. Seu rosto vermelho. Seu cabelo como uma cauda fina. Ela sorrindo com o pé em cima do carro de alguém. Seus olhos sérios. Tristes. Peço a ela que me dê a foto. E a noite toda eu fico olhando para ela. E agora, quando sonho, sonho com a Shug Avery. Ela está vestida para matar, girando e rindo" (WALKER, 1992, p. 6, **tradução nossa**).²⁹

Fonte: a autora.

A descrição da reação de Celie ao retrato de Shug e a influência dessa imagem em sua percepção dos padrões de gênero destaca a importância da representação de diferentes formas de feminilidade e o impacto que isso pode ter nas ideias e expectativas das mulheres. Celie, ainda jovem e criada em um ambiente conservador e repressor, encontra em Shug uma figura feminina que desafia as normas tradicionais. A presença de Shug na vida dela é vista como um contraste em relação às mulheres sóbrias e reprimidas que ela conhece. Essa representação de uma feminilidade centrada na alegria e na vaidade é significativa para Celie, pois ela começa a questionar as convenções de gênero que a cercam.

Esse momento na vida dela evidencia a importância da representação de diferentes modelos de feminilidade e a influência que eles podem exercer na construção da identidade feminina. A exposição a Shug e sua expressão de feminilidade mais livre e autêntica desperta em Celie um senso de possibilidade e uma percepção de que as normas de gênero podem ser desafiadas. Davis (1981) enfatiza a necessidade de desafiar as normas patriarcais e racistas, buscando a liberdade e a autodeterminação como mulheres. Assim como, para Hooks (1992), a representação diversa e da descolonização das mentes em relação às questões de gênero é de extrema importância. Ela argumenta que a exposição a diferentes perspectivas e modelos de feminilidade é essencial para a libertação das mulheres, permitindo-lhes transcender as restrições impostas pela sociedade.

Ao relacionar o trecho com essas pensadoras, podemos observar como suas ideias convergem na importância da representação diversa, da desestabilização das

²⁹"Shug Avery was a woman. The most beautiful woman I ever saw. She more pretty then my mama. She bout ten thousand times more prettier then me. I see her there in furs. Her face rouge. Her hair like somethin tail. She grinning with her foot up on somebody motocar. Her eyes serious tho. Sad some. I ask her to give me the picture. An all night long I stare at it. An now when I dream, I dream of Shug Avery. She be dress to kill, whirling and laughing." (WALKER, 1992, p. 6).

normas de gênero e da busca por uma identidade autêntica. Essas autoras evidenciam a necessidade de desafiar as expectativas opressivas e encontrar uma variedade de modelos de feminilidade que permitam que as mulheres sejam verdadeiramente livres e expressivas.

No Quadro 18, a descrição de Celie deixa claro que Sofia sobreviveu perto da morte por linchamento depois que ela desafiou o prefeito e Millie. A extensão de seus ferimentos é emblemática da ação direta da sociedade branca supremacista sobre as mulheres negras, especialmente aquelas que desafiam a expectativa de que aceitará humildemente uma posição subordinada nesta ordem racial e de gênero.

A personagem de Sofia é retratada como uma mulher forte e assertiva, que se recusa a aceitar as expectativas e os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres negras na sociedade. Ela desafia abertamente as figuras de autoridade e se recusa a ser silenciada ou subjugada. Esse desafio à ordem estabelecida ameaça o status *quo* e provoca a ira das pessoas que defendem a supremacia branca e a manutenção das relações de poder desiguais.

QUADRO 18

LIVRO: *THE COLOR PURPLE*

“Quando vejo Sofia, não sei como ela ainda está viva. Eles quebram seu crânio, eles quebram suas costelas. Eles rasgam seu nariz de um lado. Eles a cegaram de um olho. Ela inchou da cabeça aos pés. A língua dela é do tamanho do meu braço, saindo entre os dentes como um pedaço de borracha. Ela não pode falar. E ela é quase da cor de uma berinjela” (WALKER, 1992, p. 87, **tradução nossa**).³⁰

Fonte: a autora

Ao ser vítima de um linchamento, Sofia sofre uma violência extrema, simbolizando a resposta brutal que a sociedade branca supremacista reserva para aqueles que ousam desafiar sua autoridade e questionar as normas estabelecidas. Os ferimentos graves e duradouros que ela sofre servem como um lembrete sombrio das consequências que as mulheres negras enfrentam ao desafiar a opressão racial e de gênero. Essa descrição de Sofia destaca a luta das mulheres negras que enfrentam uma dupla opressão: tanto a discriminação racial quanto a discriminação de gênero. Elas são pressionadas a se

³⁰“*When I see Sofia I don’t know why she still alive. They crack her skull, they crack her ribs. They tear her nose loose on one side. They blind her in one eye. She swole from head to foot. Her tongue the size of my arm, it stick out tween her teef like a piece of rubber. She can’t talk. And she just about the color of a eggplant*” (WALKER, 1992, p. 87).

conformar aos padrões estabelecidos e a aceitar uma posição subordinada na sociedade. No entanto, personagens como Sofia desafiam essas expectativas, mostrando uma resistência poderosa e uma busca por liberdade e igualdade.

É importante reconhecer e confrontar as realidades da opressão racial e de gênero presentes na sociedade, bem como as consequências muitas vezes violentas que as pessoas enfrentam ao desafiar essas estruturas de poder. A história de Sofia serve como um lembrete da necessidade contínua de lutar pela justiça social e pela igualdade, desafiando as expectativas e as normas que perpetuam a opressão. A descrição da violência direta sofrida por Sofia após desafiar a autoridade branca e recusar uma posição subordinada pode ser relacionada ao conceito de "violência estatal" discutido por Davis (1981).

Segundo a autora, o Estado, por meio de suas instituições e agentes, utiliza violência sistemática e repressão contra grupos marginalizados que questionam e desafiam as estruturas de poder dominantes. No caso de Sofia, sua recusa em aceitar uma posição subordinada no interior da ordem racial e de gênero é considerada uma ameaça ao status quo estabelecido. Como resultado, a violência estatal é direcionada a ela na forma de um linchamento quase fatal. Esse tipo de violência, como Davis (1981) descreve, é uma tática utilizada para punir e silenciar os dissidentes, reforçando as hierarquias de poder existentes.

A conversa relatada no Quadro 19, entre Celie e Nettie e a decisão de Nettie de escrever, mesmo que ela irmã pode não receber as cartas mostra a importância da escrita como ferramenta necessária para autorreflexão e auto-expressão para as mulheres do romance. Tanto para Nettie quanto para Celie, escrever serve como o principal meio de lidar com seu sentimento de alienação dos outros.

QUADRO 19

LIVRO: *THE COLOR PURPLE*

"Lembro-me de uma vez que você disse que sua vida a deixava tão envergonhado que você não conseguia nem falar sobre isso com Deus, você tinha que escrevê-lo, por pior que pensasse que sua escrita era. Bem, agora eu sei o que você quis dizer. E quer Deus leia cartas ou não, sei que você continuará escrevendo; que é orientação suficiente para mim. De qualquer forma, quando não escrevo para você, sinto-me tão mal quanto quando não rezo, trancada em mim mesma e sufocada em meu próprio coração. Estou tão sozinha, Celie" (WALKER, 1992, p. 129, **tradução nossa**).³¹

Fonte: a autora.

No romance, a escrita assume um papel significativo na vida das personagens femininas. Através das cartas trocadas entre Celie e Nettie, as duas irmãs encontram uma forma de se comunicar e compartilhar suas experiências pessoais, apesar da separação física e da falta de contato direto. Essas cartas se tornam uma conexão vital entre elas e uma maneira de enfrentar sua alienação dos outros. A escrita oferece às personagens femininas uma voz e uma forma de se expressar quando outras formas de comunicação são restritas ou negadas. Para Celie, em particular, a escrita se torna uma saída para lidar com a opressão e a marginalização que ela enfrenta. Escrever em seu diário é uma forma de processar suas experiências traumáticas e expressar suas emoções, tornando-se um meio de autorreflexão e autocuidado.

Da mesma forma, Nettie decide continuar escrevendo, mesmo que não tenha certeza se suas cartas serão entregues a sua irmã. Essa decisão demonstra sua determinação em se fazer ouvida e preservar sua identidade e conexão com sua irmã. A escrita se torna uma ferramenta de resistência e empoderamento para Nettie, permitindo-lhe compartilhar suas perspectivas e experiências, mesmo que o destinatário imediato seja incerto. A escrita é retratada como um meio de superar a solidão, o isolamento e a marginalização das mulheres. Ela oferece um espaço de expressão pessoal e uma oportunidade de se reconectar com os outros, mesmo que seja apenas através das palavras escritas. Ao escrever, as personagens encontram uma forma de afirmar sua existência, dar voz às suas experiências e buscar um senso de identidade e pertencimento.

³¹ "I remember one time you said your life made you feel so ashamed you couldn't even talk about it to God, you had to write it, bad as you thought your writing was. Well, now I know what you meant. And whether God will read letters or no, I know you will go on writing them; which is guidance enough for me. Anyway, when I don't write to you I feel as bad as I do when I don't pray, locked up in myself and choking on my own heart. I am so lonely, Celie" (WALKER, 1992, p. 129).

Davis (1981) argumenta que a escrita é uma ferramenta crucial para que as vozes marginalizadas sejam ouvidas e para a expressão de experiências individuais e coletivas de opressão. Ela destaca que a escrita permite que as pessoas desafiem as narrativas dominantes e ofereçam alternativas ao discurso hegemônico. No caso das mulheres no romance, a escrita se torna uma forma de superar a alienação e a opressão que enfrentam. Ao colocar suas palavras no papel, elas podem dar voz a suas experiências, processar suas emoções e compartilhar suas perspectivas. Isso reflete o pensamento de Davis (1981), que a escrita pode ser uma ferramenta de resistência contra as estruturas de poder e uma forma de reivindicar a própria identidade.

Além disso, Davis também destaca a importância da solidariedade e da conexão entre as pessoas marginalizadas. A troca de cartas entre Celie e Nettie no romance é um exemplo de como a escrita pode ajudar a manter essa conexão e a compartilhar experiências de opressão. Mesmo que as cartas possam não ser entregues, o ato de escrever e a esperança de que as palavras possam ser lidas por sua destinatária expressam a necessidade de comunicação e apoio mútuo.

No Quadro 20, antes que Celie finalmente escape da vida com Albert, ele a amaldiçoa e a insulta, chamando-a de pobre, negra, feia e afirma que ela o decepcionou por não cumprir suas expectativas de que as mulheres formam destinadas a tarefas domésticas. Pela primeira vez ela se defende explicitamente, explicando que os insultos não têm poder sobre ela. Dessa forma, ela está reivindicando uma identidade em desafio a pessoas como Albert. A descrição sobre o que ela está ouvindo mostra que esse é um momento em que ela explora o sagrado que Shug lhe ensinou e obtém grande poder pessoal. O “aqui” de Celie é aquele em que ela tem voz e controle sobre sua própria vida, e está em contraste com sua identidade no início do romance, quando não lutar e suportar silenciosamente eram o suficiente porque isso permitiu que ela sobrevivesse.

QUADRO 20

LIVRO: *THE COLOR PURPLE*

<p>“Sou pobre, sou negra, posso ser feia e não saber cozinhar, diz uma voz a tudo que ouve. Mas estou aqui” (WALKER, 1992, p. 206, tradução nossa).³²</p>

Fonte: a autora.

³²“I’m pore, I’m black, I may be ugly and can’t cook, a voice say to everything listening. But I’m here.” (WALKER, 1992, p. 206).

Esse momento de defesa e afirmação pode ser relacionado com as ideias de Davis (1981), sobre o empoderamento das mulheres negras. Davis argumenta que as mulheres negras enfrentam uma opressão dupla, tanto em relação ao racismo quanto ao sexismo, e que elas são frequentemente silenciadas e desumanizadas pela sociedade dominante. Ao se defender e rejeitar as palavras de Albert, Celie está desafiando a noção de que sua identidade é definida por outras pessoas, especialmente por homens brancos como Albert.

Ela está reivindicando sua existência e mostrando que sua identidade e poder não são determinados por seu nome ou pelas expectativas opressivas que lhe foram impostas. A exploração do sagrado que Celie aprendeu com Shug também é significativa. Davis defende que as mulheres negras podem encontrar força e resistência nas tradições culturais e espirituais que são muitas vezes desvalorizadas e marginalizadas. Ao utilizar essa conexão com o sagrado, ela está acessando um poder pessoal e uma fonte de resistência que lhe permite confrontar e desafiar as estruturas opressivas que a cercam.

4.5 Livro *Push*

4.5.1 Resumo e contexto da obra

Romana Lofton (1950), mais conhecida pelo pseudônimo Sapphire, é uma escritora e poeta estadunidense, nascida na Califórnia. A romancista e poetisa é mais conhecida por seu romance autobiográfico *Push*, publicado em 1996, e por sua coleção de poesias, *American Dreams*, lançada em 1994. Em 2011, a autora publicou seu segundo romance, que conta a história de Abdul, filho da protagonista, Precious. Em *Push*, esta é uma garota negra de 16 anos do Harlem que é expulsa da escola pela segunda vez porque está grávida. Seu primeiro filho, uma filha com síndrome de Down, nasceu quando ela tinha 12 anos; isso, como sua gravidez atual, foi o resultado do abuso sexual cometido por seu pai.

Precious gosta da escola, mas se obrigou a esconder seu analfabetismo. A mãe de Precious, que também é física e sexualmente abusiva, a vê como uma rival romântica em vez de uma vítima de violências e usa a filha para receber assistência social enquanto se recusa a deixar o apartamento. Um funcionário da escola pública que expulsou

Precious recomenda o *Each One Teach One*, uma escola alternativa. Ela se matricula na aula de leitura pré-GED da professora Blue Rain, na qual conhece outras mulheres que passaram por traumas semelhantes. Precious começa a aprender a ler e escrever começando pelo alfabeto.

Quando ela volta para casa do hospital com seu filho, Abdul, sua mãe a ataca e ela foge. Precious está sem-teto, mas a senhorita Rain e os funcionários da escola ajudam a colocá-la com Abdul em um abrigo. Ela floresce e escreve poemas, ensinando o filho a ler desde pequeno e desejando a guarda da filha. Então, um dia, sua mãe aparece para contar que seu pai havia morrido de AIDS. Precious faz o teste de HIV e descobre que está infectada. Ela se desespera, se perguntando por que tantas coisas ruins acontecem com ela, confiante de que se ela fosse branca e magra, não teria que sofrer tanto.

Os amigos de Rain e Precious encorajam-na a continuar lutando. Ela frequenta grupos de apoio e descobre que incesto, violência sexual e HIV afetam todos os tipos de mulheres, incluindo as brancas, bonitas e ricas. Seu conselheiro fornecido pelo estado a convence a se encontrar com sua mãe, que deseja que Precious volte para casa para receber benefícios. Ao ser questionada sobre o abuso, ela defende o pai de Precious e expressa ressentimento por ter que dividi-lo com ela. Preciosa abandona a mãe e segue com sua vida. Então, ela fica triste por não ter muito tempo, mas está determinada a viver no presente com seu filho enquanto luta por um futuro melhor.

A década de 1990 é amplamente considerada como uma década de relativa paz e prosperidade. A União Soviética desmoronou, pondo fim à Guerra Fria de décadas, e o desenvolvimento da Internet anunciou uma nova era radical de comunicação, negócios e entretenimento. A guerra cultural, um momento de polarização e confronto entre diferentes visões de mundo, especialmente no campo das questões sociais e culturais, foi um dos eventos mais esperados na década de 1990. Houve uma luta para definir a América, bem como uma polarização significativa na política e na cultura estadunidense.

O aborto foi uma das polêmicas que surgiram e que foram muito contestadas, assim como: controle de armas, separação igreja-estado, drogas recreativas, censura e homossexualidade. As opiniões sobre esses problemas raramente eram divididas por origem, raça, etnia, status social ou ideologia política, mas sim pela visão de mundo do

indivíduo. À medida que a América evolui, este foi um momento decisivo. Mais estreias para mulheres na política e nas forças armadas ocorreram na década de 1990. Carol Moseley Braun, foi a primeira senadora negra a ser eleita.

4.5.2 Análise dos Extratos da Obra

Como a narrativa de Precious é fictícia, os leitores podem achar esse comentário engraçado. No entanto, é mais do que apenas ficção. A história confronta a realidade desagradável de abuso, incesto, violência sexual, racismo e as falhas dos sistemas de educação pública e serviços sociais. A passagem do Quadro 21 reflete a perspectiva da protagonista sobre a narrativa e a importância da honestidade. Precious reconhece que, embora algumas pessoas possam contar histórias sem coerência ou veracidade, elas se esforçam pessoalmente para fazer sentido e transmitir a verdade. Elas questionam o propósito de adicionar mais mentiras e desinformação a um mundo já saturado. O trecho destaca o poder da narrativa como meio de expressão e o valor da autenticidade nas narrativas.

QUADRO 21

LIVRO: *PUSH*

<p>Claro que você pode fazer qualquer coisa quando fala ou escreve, não é como viver quando você só pode fazer o que está fazendo. Algumas pessoas contam uma história que não faz sentido ou não é verdade. Mas vou tentar fazer sentido e dizer a verdade, senão de que adianta? Já não tem mentiras e merdas suficientes por aí? (SAPPHIRE, 1997, p. 3-4, tradução nossa).³³</p>

Fonte: a autora.

O trecho, se relaciona com as ideias de Adichie (2009), que como já mencionado anteriormente, valoriza a honestidade e a busca pela verdade nas narrativas. Ela critica os estereótipos e generalizações presentes em muitas histórias que perpetuam visões limitadas e prejudiciais sobre determinados grupos de pessoas, defendendo a importância de contar histórias completas, complexas e humanas, que reflitam a diversidade e a riqueza da experiência humana.

³³“Sure you can do anything when you talking or writing, it’s not like living when you can only do what you doing. Some people tell a story ‘n it don’t make sense or be true. But I’m gonna try to make sense and tell the truth, else what’s the fucking use? Ain’ enough lies and shit out there already?” (SAPPHIRE, 1997, p. 3-4).

Precious, uma estudante do ensino médio, ainda não aprendeu a ler. Ela, como muitos alunos da vida real, deslizou entre as lacunas educacionais. Ela gosta de se ver como uma personagem de filme ou programa. Sempre via na TV o incrível professor salvar o aluno mal-comportado. Na verdade, as ilusões de Precious são realmente uma técnica de enfrentamento que ela emprega para se distrair de sua terrível realidade; para aprender, ela é obrigada a buscar ajuda e lutar por sua própria educação. Como se vê no Quadro 22.

QUADRO 22

LIVRO: *PUSH*

<p>Todos os dias eu digo a mim mesmo que algo vai acontecer, alguma merda como na TV. Eu vou conseguir vencer ou alguém vai vencer por mim - vou aprender, recuperar o atraso, ser normal, sentar nas carteiras da frente da classe. Mas, mais uma vez, não foi naquele dia (SAPPHIRE, 1997, p. 5, tradução nossa).³⁴</p>

Fonte: a autora.

No contexto da educação e dos desafios educacionais pode ser relacionado às ideias de Lorde (1984). Assim como a personagem Precious, que recorre às ilusões e à busca por sua própria educação, Lorde defendia a importância de buscar conhecimento e aprendizado como forma de empoderamento. Ela argumentava que, ao conhecer a si mesmo e ao mundo ao seu redor, os indivíduos podem desafiar as limitações impostas pelo sistema e buscar oportunidades de crescimento e transformação. Lorde também destacou a importância da solidariedade e do apoio mútuo entre as pessoas que enfrentam desafios similares. Ela incentivou a formação de comunidades de apoio e o compartilhamento de experiências como uma forma de resistência e superação.

No Quadro 23, Precious teve muita pouca compaixão em sua vida antes de frequentar o *Each One Teach One*, e tudo isso veio de estranhos. Sua mãe reagiu violentamente quando ela entrou em trabalho de parto aos 12 anos de idade. O paramédico que conversou agradavelmente com ela e a encorajou a fazer força estava apenas fazendo seu trabalho, mas para Precious, esse homem lindo com uma atitude calma e solidária era mais do que isso.

³⁴“Everyday I tell myself something gonna happen, some shit like on TV. I’m gonna break through or somebody gonna break through to me—I’m gonna learn, catch up, be normal, change my seat to the front of the class. But again, it has not been that day.” (SAPPHIRE, 1997, p. 5).

QUADRO 23**LIVRO: *PUSH***

<p>“E sempre depois disso procuro alguém com a cara e os olhos dele nos espanhóis. Sua cor de creme de café, cabelo bom. Eu lembro disso. Deus. Achava que ele era um deus” (SAPPHIRE, 1997, p. 10, tradução nossa).³⁵</p>
--

Fonte: a autora.

O trecho evidencia a importância da compaixão e do cuidado para Precious, que estava acostumada a um ambiente hostil e carente de apoio emocional. A atitude do paramédico representa um momento de conexão humana significativa para ela, que desperta sentimentos de gratidão e valorização. A relação com as ideias de Lorde (1984), pode ser feita aqui, pois ela enfatizava a importância da compaixão, empatia e solidariedade como formas de resistência e cura. A experiência de Precious com o paramédico mostra como um simples ato de bondade pode ter um impacto profundo em alguém que sofreu privações emocionais e abuso.

Precious se sente invisível, não importa o quanto se destaque como pessoa. Ela vê sua mãe vivendo com o dinheiro da previdência e sabe que os mais privilegiados as veem com desprezo. Ninguém espera que ela seja diferente, então é vista como um fardo futuro para sociedade. Já que Precious está se educando e melhorando sua vida enquanto cria um filho como uma menor de idade, ela precisa do sistema público para apoiá-la. No entanto, mesmo depois de ter progresso, Sr. Weiss, que é professor de literatura, ainda despreza a atitude de Precious e sua necessidade de ajuda continuada, julgando-a indigna do esforço e dos recursos, assim apresenta o Quadro 24.

QUADRO 24**LIVRO: *PUSH***

<p>Eu sou gorda, eu falo, eu como, eu cozinho, eu rio, assisto TV, faço o que meu “muvier” manda. Mas eu posso ver que quando a foto volta que eu não existo. Ninguém me quer. Ninguém precisa de mim. Eu sei quem eu sou. Eu sei quem eles dizem que eu sou, um vampiro sugando o sangue do sistema. Gordura preta feia para ser limpa, punida, morta, trocada, feita para o trabalho (SAPPHIRE, 1997, p. 31, tradução nossa).³⁶</p>

Fonte: a autora.

³⁵“And always after that I look for someone with his face and eyes in Spanish peoples. He coffee-cream color, good hair. I remember that. God. I think he was god.” (SAPPHIRE, 1997, p. 10).

³⁶“I big, I talk, I eats, I cooks, I laugh, watch TV, do what my muvier say. But I can see when the picture come back I don’t exist. Don’t nobody want me. Don’t nobody need me. I know who I am. I know who they say I am—vampire sucking the system’s blood. Ugly black grease to be wipe away, punish, kilt, changed, finded a job for.” (SAPPHIRE, 1997, p. 31).

A transcrição, no Quadro 24, está alinhada com as ideias de Davis (1981), que aborda questões de justiça social e desigualdade. Ela argumenta que a sociedade muitas vezes invisibiliza e marginaliza certos grupos, principalmente aqueles que são oprimidos e desfavorecidos. Enfatiza ainda que o sistema e as estruturas sociais perpetuam a discriminação e a desigualdade, resultando em tratamento injusto e desprezo para aqueles que mais precisam de apoio.

Precious, como uma personagem negra, enfrenta não apenas a marginalização socioeconômica, mas também a discriminação e o desprezo devido à sua raça. Ao discutir a importância da representatividade negra, Davis (1981) também enfatiza a necessidade de dar voz às experiências e perspectivas dos negros, reconhecendo sua humanidade e suas contribuições para a sociedade.

No trecho do Quadro 25, quando Carl abusa sexualmente de Precious, sua mãe permite que isso aconteça. A protagonista está convicta de que isso não aconteceria com garotas brancas bonitas e de pele clara, e acredita que se ela tivesse essas características, sua mãe teria interferido. Certamente, o abuso acontece com todos os diferentes tipos de pessoas, mas Precious reconhece que foi ignorada por uma sociedade racista que não a vê como uma pessoa digna de proteção. Ao mesmo tempo, ela mesma absorve o racismo da sociedade, enquadrando sua demanda por respeito em termos de ser “como uma criança branca” e não em termos de simplesmente ser humana.

QUADRO 25

LIVRO: *PUSH*

Ela não veio aqui e disse: Carl Kenwood Jones - isso está errado! Saia de cima da Precious! Você não vê que Precious é uma criança linda como a criança branca em revistas ou em embalagens de papel higiênico. Precious é uma criança magra de olhos azuis cujo cabelo é tranças longas, longas tranças. Saia de cima da Precious, tolo! É hora de Precious ir para a academia como Janet Jackson. É hora de o cabelo da Precious ser trançado. (SAPPHIRE, 1997, p. 63, **tradução nossa**)³⁷

Fonte: a autora.

Isso demonstra como o racismo pode afetar a autoestima e a percepção de valor próprio de uma pessoa, levando-a a buscar validação com base em padrões brancos

³⁷“*She ain’ come in here and say, Carl Kenwood Jones—thas wrong! Git off Precious like that! Can’t you see Precious is a beautiful chile like white chile in magazines or on toilet paper wrappers. Precious is a blue-eye skinny child whose hair is long braids, long long braids. Git off Precious, fool! It time for Precious to go to the gym like Janet Jackson. It time for Precious hair to be braided.*” (SAPPHIRE, 1997, p. 63).

estabelecidos. Essa análise se relaciona com as ideias de Davis (1981), sobre racismo estrutural e opressão, quando argumenta que o preconceito racial permeia todas as esferas da sociedade, moldando as experiências e oportunidades das pessoas pretas de maneira desigual. Ela também enfatiza a necessidade de desafiar as narrativas e os estereótipos racistas que limitam a visão da sociedade sobre as pessoas negras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da representatividade negra na Literatura feminina Estadunidense da segunda metade do século XX está ligada à luta por igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres negras nos Estados Unidos. Através da Literatura, personagens afro-descendentes puderam retratar suas experiências, histórias e desafios, oferecendo uma perspectiva única sobre suas vidas nos Estados Unidos e promovendo a conscientização sobre questões raciais e de gênero. A visibilidade negra na Literatura também contribuiu para uma maior diversidade e inclusão na literatura Estadunidense, desafiando as normas literárias dominantes e fornecendo novas formas de contar histórias.

Além disso, as mulheres afro-descendentes desempenharam um papel significativo na inspiração e empoderamento de outras mulheres negras durante a segunda metade do século XX, nos Estados Unidos. A luta por direitos civis e igualdade racial durante esse período foi liderada por diversas personagens corajosas e visionárias, cujas contribuições moldaram a história e influenciaram gerações subsequentes.

As hipóteses levantadas na presente pesquisa – 1) a representatividade das mulheres negras na Literatura Estadunidense é de extrema importância e tem uma relação significativa com o empoderamento negro; 2) a representatividade feminina negra na Literatura Estadunidense evoluiu ao longo dos anos, refletindo tanto sobre os desafios quanto as vitórias da vivência das mulheres negras nos Estados Unidos; 3) a literatura de mulheres negras na segunda metade do século XX muitas vezes ultrapassou os limites das estruturas e gêneros narrativos tradicionais, fornecendo novas formas de contar histórias e desafiando as normas literárias dominantes) – foram confirmadas, pois, as obras analisadas mostram que existem diversas evidências de como a negritude era vista pela sociedade e a forma como os próprios negros se enxergavam por conta do preconceito velado da mesma.

A primeira hipótese é confirmada quando vemos e percebemos o empoderamento negro tomar forma nas personagens femininas negras fortes, resilientes e bem-sucedidas. Através das narrativas analisadas as mulheres negras podem se sentir representadas ao encontrar modelos inspiradores que desafiam os estereótipos

negativos e reforçam a ideia de que também são capazes de alcançar seus objetivos e exercer poder em suas vidas.

A segunda hipótese confirma-se porque a Literatura tem sido um meio importante para as mulheres negras compartilharem suas histórias, experiências e perspectivas únicas, contribuindo para uma representação mais ampla e precisa da diversidade humana. Ao longo dos anos, escritoras negras emergiram, trazendo narrativas que abordavam a interseção do racismo e do sexismo. Nas décadas seguintes, mais vozes de mulheres negras surgiram na literatura estadunidense, trazendo uma variedade de experiências e perspectivas. Escritoras contemporâneas, como aquelas aqui apresentadas, têm contribuído significativamente para enriquecer o panorama literário com suas narrativas poderosas e diversas.

Por fim, a terceira hipótese se confirma ao observar nas obras analisadas que as normas literárias dominantes foram desafiadas por meio da criação de personagens complexos e multifacetados, que rompiam estereótipos e desafiavam as expectativas. Essas escritoras exploraram as camadas de identidade e construíram personagens femininas negras que eram ao mesmo tempo fortes, vulneráveis, independentes e conectadas às suas comunidades.

Além disso, a análise da importância da Literatura Afro-americana feminina na segunda metade do século XX oferece valiosos insights sobre questões como identidade, representação e empoderamento. Isso contribui para o surgimento de novas ideias, reflexões e debates que ajudam a abordar e aprofundar as questões discutidas nesta obra, promovendo um maior entendimento e diluição dos desafios enfrentados.

A pesquisa, discussão e reflexão sobre questões relacionadas à igualdade e justiça social são cruciais para o avanço em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva. É importante destacar que esse campo de pesquisa está sempre aberto a novas contribuições e perspectivas, e é através de novas ideias e abordagens que podemos expandir nosso entendimento e encontrar soluções mais efetivas. Promover a igualdade e a justiça social é uma tarefa constante que requer o engajamento de todos.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de um uma única história**. Youtube, 2009. 19 min 16 s, Ted. Disponível em: <https://youtu.be/D9lhs241zeg>. Acesso em 29 de maio. 2022.
- ANGELOU, Maya. **I Know Why the Caged Bird Sings**. New York: Random House, 1979.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BROOKS, Gwendolyn. **Maud Martha**. New York: Popular Library, 1953
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, Angela. **Women, Race and Class**. New York: Randon House, 1981.
- HOOKS, Bell. **Black Looks: Race and Representation**. Boston, MA: South End Press, 1992.
- HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019a.
- LORDE, Audre. **Irmã Outsider: Ensaios e Conferências**. Tradução Stephanie Borges. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- LORDE, Audre. **Sister Outsider: Essays and Speeches**. Trumansburg, NY: Crossing Press, 1984.
- MORRISON, Toni. **Sula**. New York: New American Library, 1987.
- SAPPHIRE, **Push**. New York: Vintage Contemporaries/Vintage Books, 1997.
- WALKER, Alice. **The Color Purple**. London: Women's Press, 1992.